

*De genitura* - ΠΕΡΙ ΓΟΝΗΣ<sup>1</sup>  
[Hipócrates]

Silvio Marino

I offer here a translation into Portuguese of *De genitura* of the *Hippocratic Collection*, the first part of *De genitura/De natura Pueri*, which is the first text the tradition transmitted entirely about the origin of the semen and embryology. The translation is introduced by a brief description of the author and the text and accompanied by footnotes which are intended to clarify the text and the context.

1. *Introdução*

O escopo desta contribuição é oferecer ao leitor lusófono – leigo, estudante ou estudioso – a tradução da primeira parte do tratado *De genitura/De natura pueri*, um texto que ocupa um lugar muito particular não somente dentro da *Coleção hipocrática*, mas também e sobretudo dentro do panorama científico e cultural dos séculos V e IV a.C. Aqui, apresentar-se-ão somente os primeiros onze capítulos deste texto, que correspondem ao que a tradição chamou *De genitura* (περὶ γονῆς; *Sobre a geração*) – ou também *De semine* (*Sobre o sêmen*) –, tentando limitar as notas de rodapé só ao essencial para a inteligibilidade do texto e do contexto.

1.1 O “autor C” e um cluster de textos.

Os tratados *De genitura/De natura pueri* tratam da formação do sêmen – tanto no homem quanto na mulher –, da geração e do crescimento do embrião, e representam o mais antigo texto grego sobre embriologia que chegou na sua integralidade até nossos dias, embora a embriologia houvesse sido um assunto de grande importância e muito debatido pelos filósofos assim chamados Pré-Socráticos. Esses dois tratados foram divididos pela tradição, mas, para muitos estudiosos, formam um único escrito<sup>2</sup> que faz parte da *Coleção hipocrática*, um grupo

---

<sup>1</sup> Quero agradecer o colega e querido amigo José Carlos Baracat Júnior pela preciosa ajuda na revisão do texto.

<sup>2</sup> O último editor, Potter 2012, com base no testemunho de Galeno, não concorda com esta opinião: “The title *περὶ γονῆς* does not appear in Erotian’s census of Hippocratic works, nor can any word in his *Glossary* be attributed to the treatise with certainty, although A33 *ἀμαλδόνεται* may derive from it. In any case, Nachmanson’s hypothesis that in Erotian’s time the text of *Generation* preceded that of *Nature of the Child* in a single treatise entitled *Nature of the Child* is disproven by Galen’s attribution of the first sentence of *Nature of the Child* to Hippocrates ‘at the beginning of the treatise *On the Nature of*

de textos médicos, de natureza heterogênea, que a tradição atribuiu ao celeberrimo Hipócrates de Cós. Apesar da atribuição de todos esses textos ao mestre de Cós – ou, dever-se-ia dizer, sobretudo por ela –, não possuímos dados certos sobre qual ou quais tratados sejam da autoria do próprio Hipócrates. Nesse sentido, também problemática é a datação desses escritos pelo fato de que faltam referências a eventos ou pessoas, o que poderia nos fornecer indícios preciosos. Dada a situação das fontes, a crítica, já desde a antiguidade, tentou individuar as obras autênticas do mestre de Cós, de modo que a questão – que se tornou de tal tamanho, que é rotulada como “questão hipocrática”, em analogia com a “questão homérica” – chega até nossos dias como um quebra-cabeça que viu – e vê – várias soluções e conta inúmeros estudos.<sup>3</sup>

No caso do *De genitura/De natura pueri*, todavia, a questão é um pouco diferente, porque o autor desse tratado se refere a textos de própria autoria e dá indicações bastante precisas, o que permite atribuir-lhe outros tratados, ou pelo menos partes deles. De fato, *Genit./Nat.Puer.* encontram-se dentro de uma rede de textos, e seu autor foi identificado e chamado “autor C” por Grensemann, para distinguir – dentro dos escritos ginecológicos – a camada mais recente – a “C” – das camadas “A” e “B” mais antigas;<sup>4</sup> um autor, este, que, apesar de não citar seu nome, assim como nenhum autor “hipocrático” cita o seu próprio nome, faz questão de se atribuir a paternidade dos textos que escreveu. Primeiramente, então, apresentaremos algumas indicações sobre a relação entre *Genit./Nat.Puer.* e *Morb. IV*, e depois passaremos a indicar os outros tratados do nosso autor.

A primeira questão que se põe na investigação acerca do autor de *Genit./Nat.Puer.* remete ao *De morbis IV*, um tratado do mesmo autor de *Genit./Nat.Puer.*, que, desde a edição de Littré (VIII, 1851), foi publicado como continuação e fim de *Genit./Nat.Puer.* Essa questão surge do fato de que *Morb. IV*, no início (XXXII Littré/VII, I Potter 2012), se apresenta como direta continuação de *Genit./Nat.Puer.*, e foi fortemente afirmada por Littré (1851), o primeiro editor moderno que sustentou a unidade de *Genit./Nat.Puer.* e de *Morb. IV*, sendo nisso seguido por vários editores – por exemplo, por Joly 1970, que, como Littré, numera os 57 capítulos sem interrupção, do primeiro de *Genit.* até o último de *Morb. IV*. Na relação entre *Genit./Nat.Puer.* e *Morb. IV*, há duas questões envolvidas: a primeira é a da unidade desses tratados, a segunda é a da autoria.

---

*the Child*” (Potter 2012, p. 3). Cfr. também Potter (2012, p. 27), que indica o trecho de Galeno: De Lacy (1992, p. 146 = V Kühn (1822), p. 595 ss.

<sup>3</sup> Este não é o lugar para enfrentar esta discussão. Remetemos, portanto, aos estudos de Lloyd 1991c, e Craik 2015 e 2018.

<sup>4</sup> Cfr. Grensemann 1975, 1982 e 1987.

Quanto à primeira, o começo de *Morb. IV*, de fato, reconecta-se diretamente à discussão de *Genit./Nat.Puer.* e, portanto, Littré viu uma razão forte para publicar o primeiro depois de *Nat.Puer.*, uma razão mais forte do que as últimas palavras com que termina este último texto, que parecem conclusivas.<sup>5</sup> De fato, como Lonie aponta, “An editor may tremble at the prospect of reversing such a judgement by Littré, but he is in duty bound to examine the evidence. And the evidence for the view that *Genit./Nat.Puer.* and *Morb. IV* were initially intended, or were subsequently issued together, as one continuous treatise, is surprisingly meagre”.<sup>6</sup> A única razão pela qual se deveria manter a unidade dos tratados são as primeiras frases de *Morb. IV*, que não são compreensíveis se não se leva em conta o que está exposto em *Genit./Nat.Puer.*<sup>7</sup> Esse argumento foi o que levou Littré a juntar os dois tratados e foi retomado, na sua *Notice*, por Joly: o começo de *Morb. IV* encaixa-se perfeitamente com o fim de *Nat.Puer.*<sup>8</sup>

Uma das poucas vozes discordantes em relação à escolha de Littré foi a de Kahlenberg (1955), que, todavia, respondendo ao argumento de Regenbogen (1930), tentou refutar a unidade de *Genit./Nat.Puer.* e *Morb. IV* negando a identidade do autor<sup>9</sup>, o que não se pode admitir pelos indícios textuais.<sup>10</sup>

Concordamos com editores como Giorgianni (2006) e Potter (2012), e com comentadores como Lonie (1981), que negam a unidade de *Genit./Nat.Puer.* e *Morb. IV*, posição que é a mais aceita hoje em dia. Sem dúvida, os problemas que surgem ao unirem-se esses dois escritos são maiores do que os que surgem ao serem separados, sobretudo o fato de que na tradição manuscrita estes textos nunca se encontram unidos.<sup>11</sup>

Para concluir a questão da não unidade dos tratados, ainda que de maneira extremamente breve, deve-se dizer que, por um lado, como destaca Lonie, a inteligibilidade de *Morb. IV* não depende de *Genit./Nat.Puer.*; e, por outro, *Nat.Puer.* não é incompleto sem *Morb. IV*.<sup>12</sup>

---

<sup>5</sup> Cfr. *Nat.Puer.* XXXI Littré VII, XX Potter 2012, p. 92, 27-28: οὗτος ὁ λόγος ὧδε εἰρημένως ἅπας τέλος ἔχει (“Este discurso, na sua inteireza e da maneira em que foi exposto, está concluído”).

<sup>6</sup> Lonie 1981, p. 43.

<sup>7</sup> Cfr. Lonie 1981, p. 44, em que dá também uma interpretação do começo de *Morb. IV*.

<sup>8</sup> Cfr. Joly 1970, p. 11: “Le début de *Maladies IV* s’enchaîne parfaitement avec la fin de la *Nature de l’enfant*, sans qu’il s’agisse uniquement de la première phrase”.

<sup>9</sup> Cfr. Lonie 1981, p. 42.

<sup>10</sup> Cfr. Lonie 1981, p. 42-51.

<sup>11</sup> Cfr. Lonie 1981, p. 44 e nota 9.

<sup>12</sup> Cfr. Lonie 1981, p. 44.

A segunda questão, relativa à identidade do autor de *Genit./Nat.Puer.* e *Morb. IV*, recebeu soluções diferentes, embora, hoje em dia, a crítica tenha aceitado que essas obras têm a mesma autoria.

No capítulo III de *Genit.*, há uma passagem, já destacada por muitos, que parece uma referência direta a *Morb. IV* e que, portanto, é ressaltada pelos que sustentam que este tratado é o fim de *Nat.Puer.*: εἰσὶ δὲ τέσσαρες ἰδέαι τοῦ ὑγροῦ, αἷμα τε καὶ χολή καὶ ὕδωρ καὶ φλέγμα· τοσαύτας γὰρ ἰδέας ἔχει συμφυέας ὁ ἄνθρωπος ἐν ἐωυτῷ, καὶ ἀπὸ τούτων αἱ νοῦσοι γίνονται. δεδήλωται δέ μοι καὶ περὶ τούτων, καὶ διότι ἐκ τούτων αἱ νοῦσοι γίνονται καὶ ἐκ νοῦσων διακρίσεις.<sup>13</sup> De fato, encontramos as mesmas afirmações no primeiro capítulo de *Morb. IV* (XXXII Littré VII, I Potter 2012): ἔχει δὲ καὶ ἡ γυνή καὶ ὁ ἀνὴρ ὑγροῦ τέσσαρα εἶδεα ἐν τῷ σώματι, ἀφ' ὧν αἱ νοῦσοι γίνονται, ὀκόσα μὴ ἀπὸ βίης νουσήματα γίνεται· αὗται δὲ αἱ ἰδέαι εἰσὶ φλέγμα καὶ αἷμα <καὶ> χολή καὶ ὕδρωψ, καὶ ἀπὸ τούτων ἐς τὸ σπέρμα οὐκ ἐλάχιστον οὐδὲ ἀσθενέστατον συνέρχεται κ.τ.λ.<sup>14</sup>

Em relação a essa passagem paralela, há dois problemas envolvidos. O primeiro remete ao tempo do verbo em *Nat.Puer.* III, δεδήλωται, que é um perfeito, e que, portanto, remetaria a um escrito composto antes: isso significaria que *Morb. IV* é anterior a *Genit./Nat.Puer.* e, por isso, não poderia constituir o fim de um único tratado. Joly, todavia, não pensa que o tempo é uma prova do fato de que *Morb. IV* não é a continuação e o fim de *Nat.Puer.*<sup>15</sup>, como, ao contrário, sustentaram Ermerins (1862), na *Praefatio*, e Fredrich.<sup>16</sup> O segundo problema é que não há nos *recentiores* todo o trecho εἰσὶ δὲ τέσσαρες... διακρίσεις de *Genit.* III<sup>17</sup>, mas ele está

---

<sup>13</sup> *Genit.* III, Potter 2012, p. 10, 19-24: “Há quatro formas do humor: sangue, bílis, água e fleuma; de fato, tantas são as formas [*scil.* de humores] que o ser humano possui congênicas em si: é a partir delas que se geram as doenças. Eu já tratei acerca destes assuntos assim como de por que destas [*scil.* formas] se geram as doenças e as crises que seguem às doenças”. É interessante notar que o sintagma μοι δεδήλωται ocorre com bastante frequência na obra de Heródoto.

<sup>14</sup> *Morb. IV* XXXII Littré VII, I Potter 2012, p. 100, 5-10: “Tanto a mulher quanto o homem contêm quatro formas de humor no corpo, das quais se geram as doenças que não derivam de um trauma. As formas são estas: fleuma, sangue, bílis e água, e não é a parte menor nem mais débil que entra na composição do esperma, etc.”. A forma da água, em *Morb. IV*, é chamada ὕδρωψ e não ὕδωρ. Todavia, isso não indica uma diferença de autor, e para Lonie (1981, p. 46), essa mudança lexical é insignificante. O termo ὕδρωψ aparece só uma vez em *Nat.Puer.* (XXX, 12), enquanto encontramos várias ocorrências tanto de ὕδρωψ quanto de ὕδωρ em *Morb. IV*.

<sup>15</sup> Cfr. Joly 1970, p. 11: “Nous venons de citer un passage du chapitre III de la *Génération*. On y a vu que l’auteur fait, *au passé*, allusion à *Maladies IV*. Ermerins et Fredrich en ont conclu que *Maladies IV* est antérieur à *Génération*. C’est donner à un détail une force probante qu’en l’occurrence il n’a pas. En effet, ces textes étaient d’abord des ἀκρόασεις et le texte publié ultérieurement a pu garder telle quelle une allusion devenue sans portée ; il suffit de penser que ce renvoi a pu être fait lors de la X<sup>e</sup> ἀκρόασις de la *Génération* pour voir qu’il ne saurait rien prouver en ce qui nous occupe”.

<sup>16</sup> Fredrich 1899, p. 48, nota 1.

<sup>17</sup> Um caso de *recentiores non deteriores*?

presente nos manuscritos M e V, embora em M seja adicionado *in margine* por uma segunda mão. Por essa razão, Kahlenberg (1955) expungiu a passagem inteira. Todavia, os editores – Joly 1970, Giorgianni 2006 e Potter 2012 – mantêm o texto de V e M, e a relação entre o capítulo III de *Genit.* e o capítulo XXXII – o primeiro – de *Morb. IV* constitui a prova para atribuir a um único autor os dois tratados.

É preciso destacar a posição de Kahlenberg contra a identidade do autor de *Genit./Nat.Puer.* e *Morb. IV*, porque diz também algo sobre a natureza e o contexto científico em que *Genit./Nat.Puer.* se encontra. Kahlenberg (1955, p. 255) ressalta o contraste entre o estilo de *Genit./Nat.Puer.* e o de *Morb. IV*. Enquanto o primeiro tratado mostra uma exposição segura e consequente, o segundo é caracterizado por uma obscuridade da exposição. Lonie dá uma interessante resposta a essa objeção, que ele considera a mais cogente, e assim interpreta a discrepância: por trás de *Genit./Nat.Puer.*, há uma grande tradição de debates e de soluções propostas por vários filósofos e médicos sobre a formação do sêmen e sobre a embriologia, e isso significa que o autor elabora seu próprio discurso dentro de categorias já estabelecidas; é esse quadro científico que permite ao autor pensar e imaginar sua exposição, sentindo-se mais “à vontade” com a matéria da qual está tratando. Ao contrário, com a fisiologia e a patologia de *Morb. IV*, o campo de investigação é mais aberto e portanto as hipóteses do autor se tornam mais arbitrárias: não havendo um *canovaccio*, o discurso torna-se mais obscuro, uma obscuridade que também gerou um texto mais corrupto. Todavia, “where he [*scil.* o autor] can find a model, we meet the same clarity and coherence that we meet in *Nat. Puer*”.<sup>18</sup>

Além da prova de *Genit. III*, a identidade do autor também é reforçada pelo léxico. De fato, o léxico empregado nesses dois tratados é peculiar a esse autor. O termo *ιστόριον* – usado no sentido de “prova” – só ocorre em *Genit./Nat.Puer.* e *Morb. IV* em toda a *Coleção hipocrática*, enquanto, nesses tratados, o termo *τεκμήριον* – o usual para indicar a “prova” – só ocorre uma vez. Igualmente, o verbo *ιστορέω* ocorre nesses textos para indicar o “ser uma prova de”, mas em nenhum outro lugar da *Coleção hipocrática* é usado nesse sentido.<sup>19</sup>

Em relação à rede de textos que gravitam em torno de *Genit./Nat.Puer.*, a segunda questão a esclarecer remete à autoria de outros tratados que o nosso autor reivindica e cita. Essa

---

<sup>18</sup> Lonie 1981, p. 48.

<sup>19</sup> Igualmente, os verbos *πονέω* e *μελεδαίνω* são peculiares a estes tratados. Lonie (1981, p. 48-49) dá uma lista das ocorrências e remete a Regenbogen (1930, p. 158-165 e p. 176-180), que coletou dados sobre as características estilísticas desses escritos.

rede, como a chama Giorgianni<sup>20</sup>, pode-se reconstruir a partir tanto das passagens paralelas quanto das “autocitações”.<sup>21</sup>

Ora, o caso do nosso autor é o mais importante no panorama da *Coleção hipocrática*, porque temos várias autocitações por meio das quais podemos estabelecer os tratados que ele escreveu, inteiramente ou em parte.<sup>22</sup> É o caso do capítulo IV de *De genitura*, aqui traduzido, em que o autor cita como próprio o tratado *De mulierum affectibus I*: διότι δὲ γίνεται ἐπίνοσα, εἰρήσεται μοι ἐν τῆσι γυναικείησι νούσοισιν.<sup>23</sup> Igualmente, no capítulo XV Littré (III-IV Potter 2012) de *De natura pueri*, encontramos uma outra autocitação do mesmo tratado: ἀλλὰ τί δεῖ λέγειν αὐτὰ ἐνθάδε; εἰρήσεται γὰρ ἐν τοῖσι γυναικείοισι νοσήμασιν.<sup>24</sup>

Outros *loci* importantes para a determinação da autoria comum de *De natura pueri* e *De mulierum affectibus I* são as referências contidas neste último tratado. Já no primeiro capítulo, quase no começo, o autor refere-se a *De natura pueri*: ὕφ’ ὅτε γίνεται, εἰρηταί μοι ἐν τῇ φύσει τοῦ παιδίου τοῦ ἐν τόκῳ.<sup>25</sup> A referência explícita é a *De natura pueri* XXX 12 Littré (XIX Potter 2012). Nos capítulos XLIV e LXXIII de *Mul. I*, o autor, tratando da formação do leite materno, refere-se a *De natura pueri*, com dois títulos levemente diferentes: Τὸ δὲ γάλα ὅπως γίνεται, εἰρηταί μοι ἐν τῇ γενέσει τοῦ παιδίου τῇ ἐν τόκῳ καὶ τᾶλλα<sup>26</sup> – se referindo também a outras doutrinas aqui contidas –; Τὸ δὲ γάλα ὅπως γίνεται, εἰρηταί μοι ἐν τῇ φύσει τοῦ παιδίου τοῦ ἐν τόκῳ<sup>27</sup>, voltando ao nome dado no capítulo I. A referência dessas duas últimas citações é ao capítulo XXI 3 Littré (X Potter 2012) de *De natura pueri*, no qual o autor efetivamente trata da formação do leite materno.

---

<sup>20</sup> Cfr. Giorgianni (2012, p. 80).

<sup>21</sup> As passagens paralelas são *loci*, frases ou períodos, que ocorrem quase iguais em diferentes obras, mas sem que haja uma reivindicação da autoria de um escrito; as “autocitações” são *loci* em que o autor escreve em primeira pessoa reivindicando a paternidade de uma obra. Em relação a essas questões, vide Langholf 2004.

<sup>22</sup> Para esta questão, vide Giorgianni 2012, p. 78-99.

<sup>23</sup> *Genit.* IV, Potter 2012, p. 14, 9-11 “Por que [*scil.* o corpo da mulher] se torna mais predisposto a adoecer, direi em *Doenças das mulheres*).

<sup>24</sup> *Nat.Puer.* XV Littré VII, IV Potter 2012, p. 42, 2-3: “Mas por que é preciso falar aqui destas coisas, uma vez que serão tratadas em *Doenças das mulheres*?”. O discurso que, neste trecho, o autor conduz se refere aos males devidos à falta de menstruações, e, no livro I de *De mulierum affectibus*, de fato, o autor trata desse assunto, como destaca também Potter (2012, p. 43, nota *ad loc.* 1), que remete a *Mul. I*, II-III. Em relação a essa citação “de autor”, Giorgianni (2012, p. 81-82) remete a toda a primeira parte de *Mul. I*; mais em geral, para essas questões, vide Giorgianni (2012, p. 78-85).

<sup>25</sup> *Mul. I*, I Potter 2018, p. 8, 8-9: “por que isso acontece, o expliquei em *Natureza da criança no parto*”.

<sup>26</sup> *Mul. I*, XLIV Potter 2018, p. 106, 1-2: “Como se forma o leite, o expliquei em *Geração da criança no parto*”.

<sup>27</sup> *Mul. I*, LXXIII Potter 2018, p. 160, 3-4: “Como se forma o leite, o expliquei em *Natureza da criança no parto*”.

Também em *Morb. IV*, o autor autocita-se, reivindicando, como em *Genit./Nat.Puer.*, a autoria de *Mul. I*: Γίνεται δὲ καὶ τῆσι γυναιξίν ὁ ὕδρωψ ἐν τῆσι μήτρῃσι, καὶ τὰ ἐν τῆσι κοιλίῃσι, καὶ τὰ ἐν τοῖσι σκέλεσι, καὶ τᾶλλα σημήια ταῦτᾶ ἴσχει ἀποπέφανται δέ μοι ἐν τοῖσι Γυναικείοισι Νοσήμασι περὶ αὐτοῦ.<sup>28</sup>

Uma última questão concerne ao *De sterilibus, Sobre as mulheres inférteis*, um outro tratado que poderia ser atribuído ao “autor C”. Conforme Giorgianni<sup>29</sup>, o primeiro capítulo desse tratado (CCXIII Littré VIII) remeteria a *Mul. I-II*. De fato, esse capítulo parece introduzir a continuação de um tratado cujo objeto teria sido as doenças das mulheres: Περὶ μὲν τῶν γινομένων τῆσι γυναιξίν ἐφ’ ἐκάστοισι τῶν παθημάτων πρότερον εἴρηται. νῦν δὲ ἀποφανέω δι’ ἃς αἰτίας ἄφοροι γυναῖκες τὸ πάμπαν καὶ διότι οὐ τίκτουσι πρὶν ἰηθέωσιν.<sup>30</sup> Todavia, a questão é bastante complexa, porque esse texto é uma obra de compilação e, na passagem citada, quem escreve não se atribui a autoria do texto.<sup>31</sup>

*De genitura/De natura pueri*, portanto, é obra do “autor C”, ao qual se podem atribuir também *De morbis IV* e a camada “C” de *De mulierum affectibus I-II*, havendo dúvida acerca do primeiro capítulo de *De sterilibus*.

## 1.2 Um mistério a desvendar: a origem da vida.

Os tratados *De genitura/De natura pueri* constituem, como acima destacado, o mais antigo texto de embriologia que chega na sua integralidade até nossos dias. Isso não significa que antes do nosso escrito não havia textos e sobretudo debates acerca da formação do sêmen e do embrião. Pelo contrário, este texto insere-se num contexto científico e numa discussão que naquela época tinha já grande relevância, apresentando vários posicionamentos por partes de diferentes pensadores. Como para os outros textos médicos, também para o nosso, o que se impõe, já desde a primeira leitura, é a grande capacidade de pensar e de imaginar os processos fisiológicos que se desencadeiam dentro do corpo do ser humano e que produzem os sêmenes

---

<sup>28</sup> *Morb. IV*, LVII 6 Littré VII; XXVI Potter 2012, p. 184, 8-12: “Nas mulheres, a hidropisia gera-se também no útero, e os sinais nas cavidades e nas pernas, assim como no resto do corpo, são os mesmos; eu já fiz minha exposição sobre esse assunto em *Doenças das mulheres*”.

<sup>29</sup> Cfr. Giorgianni 2012, p. 84.

<sup>30</sup> CCXIII Littré VIII, I 1 Bourbon 2017, p. 70, 1-4: “O que se produz nas mulheres em relação a cada uma das doenças foi dito antes. Agora exporei por quais causas algumas mulheres são completamente estéreis e por que não geram filhos antes de terem sido curadas”.

<sup>31</sup> Cfr. Bourbon 2017, *Notice*, p. 33. Para esta estudiosa, o εἴρηται sem a referência à primeira pessoa (μοι) indicaria que o autor não se atribui a autoria. De fato, nas citações “de autor”, encontramos as fórmulas μοι δεδήλωται ou μοι εἴρηται. Importante destacar que μοι δεδήλωται ocorre em *Ster.*, XX 19 Bourbon 2017, p. 94, 11, embora sem o título do escrito.

da mulher e do homem, que, combinando-se, dão origem ao embrião, cujo desenvolvimento é o objeto de *Nat.Puer*. Para fazer isso, o nosso autor escreve com mão segura um texto cheio de analogias, enunciando leis universais da natureza que servem para explicar o que acontece dentro do corpo humano. Ao leitor moderno tudo isso poderia parecer uma fantasiosa elucubração, mas o que pode parecer assim, na realidade, é o fruto de uma investigação que tenta dar conta do que ocorre dentro do corpo a partir do que se pode ver “de fora” do corpo. Na ausência dos instrumentos que a moderna medicina utiliza, e sem sequer o “teatro anatômico” da dissecação do corpo humano, que permitiria ver com os próprios olhos o interior do corpo, os médicos só podiam recorrer à análise empírica, à coleta de dados e às inferências lógicas que esses dados permitiam: um desses procedimentos era a analogia com o mundo físico, animal e vegetal.<sup>32</sup>

Ora, há uma imensa mole de bibliografia crítica e de debates acerca do nível científico da medicina hipocrática – no qual não queremos aqui entrar –, e foi também destacado como, nos tratados da *Coleção hipocrática*, se podem achar influências de crenças religiosas e populares. Todavia, não faremos jus aos pensadores médicos, e inclusive ao nosso autor, se não considerarmos o esforço de racionalização dos fenômenos observáveis, e até dos preconceitos consolidados na cultura da época.

O que chama a atenção no escrito, cuja tradução aqui se apresenta, é o esforço de estabelecer os princípios gerais do que hoje chamamos física e química como princípios também dos processos fisiológicos que dão origem à vida de um novo ser humano. E, nesse esforço, o autor de *Genit.* quer imaginar o corpo tanto da mulher quanto do homem em paralelo, para afirmar que ambos emitem sêmen e que, portanto, ambos são atores na procriação, na origem da vida.

Destinando às notas uma discussão mais atenta às doutrinas envolvidas nesse tratado, apresentamos, embora de forma extremamente sumária, o conteúdo dos onze capítulos que o constituem.

O primeiro capítulo, começando por uma sentença gnômica que levantou muitas discussões nos últimos anos, trata da origem do sêmen. O autor propõe uma teoria pangenética para a formação do sêmen, que se originaria a partir de toda a massa úmida que há no corpo. Esse capítulo mostra as várias passagens do processo de formação do sêmen: no momento em que vasos e nervos (ou “tendões”) são friccionados, aquecidos e enchidos de humor, surge uma espécie de prurido que dá uma sensação de prazer ao corpo inteiro. Nesse momento, o humor

---

<sup>32</sup> Cfr. Lloyd 1966, fundamental acerca deste assunto.

que está no corpo se aquece, difunde-se e se agita, produzindo espuma, e é assim que a parte “mais grossa e mais forte do humor”, o sêmen, se separa e desce do cérebro, através de vasos, até o pênis.

O segundo capítulo trata da esterilidade masculina e da formação do sêmen nos meninos e das menstruações nas meninas, enquanto o terceiro, reafirmando que o sêmen provém de todas as partes do corpo, introduz os quatro humores – sangue, bílis, água e fleuma –, dos quais se originam as doenças de origem não traumática.

Com o quarto capítulo, o autor introduz a discussão sobre a mulher, e afirma que ela também emite um sêmen próprio, mostrando os processos fisiológicos de produção de sêmen em analogia com os do homem, e destacando o papel do prazer nesses processos. O quinto e breve capítulo discute as condições da concepção e a consciência, por parte da mulher, de quando ela ficou grávida.

O sexto capítulo expõe a teoria do sêmen. Tanto na mulher quanto no homem, há um sêmen masculino e um sêmen feminino. Ora, o sêmen masculino é mais forte, o feminino mais débil, e a prevalência de um ou do outro determina a concepção de um homem ou de uma mulher. O sétimo capítulo continua a discussão sobre os tipos de sêmen da mulher e do homem, e explica a razão pela qual há variações no sexo na prole. O oitavo capítulo apresenta uma outra prova do fato de que tanto a mulher quanto o homem emitem sêmen: a prova (ιστόριον) é que os filhos podem ser parecidos tanto com a mãe quanto com o pai.

Os capítulos nono, décimo e décimo primeiro tratam das malformações da prole e das diferenças, em termos de saúde, dos filhos em relação aos pais.

Com o capítulo décimo primeiro termina o que a tradição intitulou *περὶ γονῆς*.

### 1.3 *Nota ao texto.*

O texto grego utilizado é o estabelecido por Potter 2012. Na tradução foram comparadas também as edições críticas de Joly 1970 e de Giorgianni 2006, bem como a tradução publicada por este em 2012. Quando a tradução não utiliza o texto grego de Potter 2012, a escolha diferente é indicada em nota de rodapé.

### 1.4 *Nota à tradução.*

Em *De genitura*, há um amplo uso de termos que indicam o ser humano, o sexo e o gênero de sêmen (masculino ou feminino): *ἄνθρωπος*, *ἀνὴρ*, *γυνή*, *ἄρσιν*, *θῆλυς*. Se é claro o

que o autor queria expressar com esses termos, a tradução deles em um idioma moderno apresenta várias dificuldades, porquanto nem sempre os termos modernos veiculam o sentido dos termos gregos que traduzem. Por isso é preciso esclarecer, a fim de precisão, ao que equivalem no grego as traduções dadas. O termo ἄνθρωπος indica o indivíduo que pertence à espécie humana, independentemente do sexo masculino ou feminino, e é o que em latim se diz *homo*, do qual deriva, no português o termo “homem”. Todavia, o termo “homem” passa, nas línguas neolatinas, a indicar não só o indivíduo da espécie humana além da diferença de sexo, mas também o “macho”, o que em grego é ἀνήρ e no latim *vir*. Por essa razão, o termo ἄνθρωπος será traduzido como “ser humano”, mesmo que essa tradução leve consigo alguns sentidos que não são propriamente gregos, mas que pertencem à nossa visão (ou visões) moderna(s) de entender o que é o ser humano.

As duas duplas dos outros termos, exclusivos e exaustivos, individualizam dois eixos semânticos binários: ἀνήρ e γυνή indicam o “ser humano macho” e o “ser humano fêmea”; ἄρσεν e θήλυς indicam o “animal macho” e o “animal fêmea”. Explicado isso, todos esses termos podem ser atribuídos aos seres humanos, também a dupla ἄρσεν-θήλυς, que inclusive é utilizada para indicar os filhos, muitas vezes no gênero gramatical neutro. Para não gerar ambiguidades, traduziremos ἀνήρ como “homem” e γυνή como “mulher”, assim como ἄρσεν como “macho” e θήλυς como “fêmea”.

As abreviações utilizadas são do LSJ.

### 1.5 Numeração dos capítulos.

A numeração dos capítulos de *De genitura* e de *De natura pueri* é contínua em Littré VII, assim como em Joly 1970 e em Giorgianni 2006 e 2012 – e, nessas edições, há também a divisão em parágrafos. Portanto, nestas últimas, o *De genitura* começa com o capítulo I, e o *De natura pueri* começa com o capítulo XII. Potter 2012, ao invés, separa a numeração dos dois tratados e, por isso, tanto o *De genitura* quanto o *De natura pueri* começam com o capítulo I. Potter, todavia, entre parênteses, coloca a numeração de Littré VII. Na tradução, assim como nas notas, para não gerar ambiguidades e não confundir o leitor, adotaremos a numeração contínua de Littré VII, indicando também a numeração de Potter 2012. Igualmente, para permitir uma melhor identificação das passagens, utilizaremos a divisão em parágrafos de Giorgianni 2006, que não consta na edição de Potter 2012.

## Tradução de *De genitura*.

### I

[1] Uma lei governa tudo.<sup>33</sup> O sêmen do homem provém de todo o humor que há no corpo<sup>34</sup>, sendo a parte do humor mais forte que é secretada.<sup>35</sup> A prova<sup>36</sup> disso [*scil.* de que se separa a parte mais forte] é a seguinte: depois de termos tido o coito, embora tenhamos ejaculado uma

---

<sup>33</sup> Lemos o texto grego com Giorgianni 2006: Νόμος μὲν πάντα κρατύνει. Potter 2012 lê Νομὸς μὲν πάντα κρατύνει (“O nutrimento reforça todas as coisas”). O *incipit* do tratado chama a atenção pela formulação gnômica que, até a edição de Potter 2012, sempre foi lida como Νόμος μὲν πάντα κρατύνει, que, como Lonie 1981 destaca, lembra o celeberrimo verso de Píndaro “Νόμος ὁ πάντων βασιλεύς” (fr. 169 Maehler), e mostra a vontade de criar um forte impacto no leitor; para uma discussão sobre o valor literário e científico do termo νόμος posto aqui em abertura de tratado, vide Giorgianni 2015. Esse *incipit*, todavia, põe problemas quanto ao conceito de νόμος e ao verbo κρατύνει. Para essa questão, remetemos a Lonie (1981, *ad loc.*) e Maloney 1988, que defende Νομὸς μὲν πάντα κρατύνει.

A edição de Giorgianni (2006) mantém o texto “Νόμος μὲν πάντα κρατύνει”. Giorgianni 2015 discute mais aprofundadamente sobre os termos νόμος e νομός e o verbo κρατύνω nos textos da *Coleção hipocrática* e em outros autores (sobretudo em Heródoto) para defender a *lectio* “νόμος” e destacar que o verbo é usado em relação à embriologia. A questão envolve as partículas μὲν e δέ. A solução proposta por Maloney 1988 e Potter 2012 foca na adversativa, em um contraste entre o νομός, o nutrimento, que reforça todas as coisas, e a γονή, o sêmen, que enfraquece (como afirmado pelo autor de *De genitura* logo depois do *incipit*) o corpo do homem. Giorgianni 2015 destaca o fato de que o termo νομός ocorreria só aqui no *De genitura-De natura pueri* e em nenhum outro lugar nos textos do autor C, e que esse termo nunca indica o nutrimento dos humanos. Concordamos com Giorgianni 2015 quando escreve, nas conclusões, que “Le prime parole del *de genitura* non sono quindi solo un esordio ad effetto, ma nella lettura che se ne è qui offerta vogliono anticipare e suggerire la tematica centrale dello scritto in questione, le teorie sulla formazione e sviluppo dell’embrione umano” (p. 199).

Sobre os inícios dos tratados da *Coleção hipocrática*, vide Alfageme 2007; sobre o nível retórico dos tratados da *Coleção hipocrática*, vide Lanata 1968, Jouanna 1984, Lara Nova 1992, Cross 2018.

<sup>34</sup> A concepção pela qual o sêmen do homem provém de todo o corpo – e não somente de uma parte – representa a “teoria pangenética da origem do sêmen”, que podemos encontrar também em outros tratados da *Coleção Hipocrática*. Em *De aeribus aquis et locis*, o autor afirma explicitamente: Ὁ γὰρ γόνος πανταχόθεν ἔρχεται τοῦ σώματος, ἀπό τε τῶν ὑγερῶν ὑγερὸς ἀπό τε τῶν νοσερῶν νοσερός (*Aër.* XIV 4, Jouanna 2003b, p. 224, 17-19: “O sêmen provém de todas as partes do corpo, são das partes sãs, doente das partes doentes”). Uma formulação desta teoria, quase idêntica à de *Aer.*, encontra-se em *De morbo sacro*: Ὡς ὁ γόνος ἔρχεται πάντοθεν τοῦ σώματος, ἀπό τε τῶν ὑγερῶν ὑγερὸς καὶ ἀπό τε τῶν νοσηρῶν νοσηρός (*Morb.Sacr.* II 2, Jouanna 2003a, p. 10, 16-18: “Porquanto o sêmen provém de todas as partes do corpo, são das partes sãs e doente das partes doentes”).

<sup>35</sup> Seguimos a tradução de Giorgianni 2006 e 2012.

<sup>36</sup> “Prova”: o termo não é τεκμήριον, mas ιστόριον. Em toda a *Coleção hipocrática*, ocorre somente em três tratados (*De genitura/De natura pueri* e *De morbis IV*) e é uma das várias peculiaridades lexicais desse autor.

pequena quantidade, nos tornamos fracos. As coisas são da seguinte maneira: vasos<sup>37</sup> e nervos<sup>38</sup> se estendem de todo o corpo em direção ao pênis;<sup>39</sup> a estes, quando friccionados, aquecidos e enchidos, sobrevém algo como um prurido<sup>40</sup>, e a partir disso geram-se prazer e calor no corpo

---

<sup>37</sup> Como destaca Giorgianni 2012 (nota 4 *ad loc.*), a descrição dos vasos nesse capítulo parece seguir a de Diógenes de Apolônia (cfr. DK64B6). O termo “vasos” traduz o grego φλέβες, que pode indicar tanto as veias quanto as artérias assim como outro tipo de vaso oco no qual escorre algo; inclusive, na *Coleção hipocrática*, há tratados em que se afirma que nas φλέβες passa também o ar. A única distinção que há em relação aos vasos parece depender do tamanho; de fato, ao lado do termo φλέψ, no *De genitura/De natura pueri*, encontramos também φλέβιον, que indica um “vaso pequeno”.

<sup>38</sup> O termo “nervos” traduz o grego νεῦρα, que pode indicar tanto os nervos quanto os tendões. Aqui optamos por traduzir com “nervos”. A distinção moderna entre nervos e tendões só se dá em época helenística; vide Solmsen 1961 e o comentário *ad loc.* de Lonie (1981, p. 105).

<sup>39</sup> O termo “pênis” traduz o grego αἰδοῖον. Potter (2012, p. x-xii) destaca que, desde a *Ilíada*, o termo é usado no plural (αἰδοίων, *Il.* XIII 568) para indicar as genitálias, e que esse uso se guarda na *Coleção hipocrática*. Todavia, o termo αἰδοῖον, ao singular, se torna mais específico indicando o órgão da cópula. Na mulher indica a “vagina”, que é distinta do “útero”, assim como testemunha o *De sterilibus*, em quatro trechos, o primeiro dos quais recita “ἦν στραφῆ τὸ στόμα τῶν μητρῶν πάμπαν ἀπὸ τοῦ αἰδοίου, οὐ κυῖσκεται” (*Steril.* I 2, Bourbon 2017, p. 70, 5-6; “se o orifício da matriz for completamente desviado da vagina, não há concepção”). No homem αἰδοῖον indica o “pênis” e não também os testículos (ὄρχιες), como resulta claro do próprio *De genitura* I: “διὰ τῶν ὀρχίων μεσάτων ἐς τὸ αἰδοῖον”. Por essa questão, vide *infra*.

A teoria pela qual o sêmen provém de todo o humor do corpo humano pressupõe o fato de que todas as partes do corpo estejam ligadas uma à outra, e de fato uma teoria humoral não pode não pressupor esta interconexão de todas as partes do corpo. Lonie (1981, p. 101) destaca o fato de que a forma com a qual esta teoria aparece nesse tratado é a forma com a qual o autor de *Mor.Sacr.* explica que o corpo inteiro está conectado ao cérebro: Καὶ φλέβες δ’ ἐς αὐτὸν τείνουσιν ἐξ ἅπαντος τοῦ σώματος κ.τ.λ. (*Morb.Sacr.* III, Jouanna 2003a, p. 11,13-14: “E vasos se estendem em direção a ele [*scil.* o cérebro] do corpo inteiro etc.”). Em *De genitura* I, o nosso autor escreve: φλέβες καὶ νεῦρα ἀπὸ παντὸς τοῦ σώματος τείνουσιν ἐς τὸ αἰδοῖον (*Genit.* I Potter 2012, p. 6, 6-7: “vasos e nervos se estendem de todo o corpo em direção ao pênis”). Por óbvias razões de foco, esses dois tratados têm como ponto de chegada dos vasos, respectivamente, o cérebro e o pênis, cfr. Lonie (1981, p. 101).

<sup>40</sup> ὡσπερ κνησμὸς ἐμπίπτει (“sobrevém algo como um prurido”): Lonie (no comentário *ad loc.*, 1981, p. 106) destaca o fato de que o termo κνησμὸς ocorre três vezes em *Genit.* (aqui e nos capítulos II e IV): “The expression in all three places suggests that κνησμὸς is a necessary stage in the production of heat and κλόνησις. But it is difficult to see how this could be so and, in the author’s general physiological theory, heat is the direct consequence of movement”.

todo.<sup>41</sup> Com a fricção do órgão sexual e o movimento do ser humano<sup>42</sup>, o humor se aquece no corpo, se torna fluido, é agitado<sup>43</sup> pelo movimento e espuma, assim como todos os outros humores, se forem agitados<sup>44</sup>, espumam. [2] Assim, também no ser humano é secretada a parte

---

<sup>41</sup> Lanza-Vegetti (2018, p. 1441-2) indicam um conhecimento das doutrinas aqui expostas por parte de Aristóteles em *De generatione animalium*: compare-se a afirmação deste capítulo de *Genit.* “ὡσπερ κνησιμὸς ἐμπίπτει καὶ τῷ σώματι παντὶ ἡδονὴ καὶ θερμὴ ἐκ τούτου παραγίνεται (“sobrevém algo como um prurido e a partir disso geram-se prazer e calor no corpo todo”) com o que afirma Aristóteles: ἔστι δὲ σχεδὸν οἷς ἂν τις χρήσαιτο τεκμηρίοις, [ὡς ἀφ’ ἐκάστου τῶν μορίων ἀπίνοντος τοῦ σπέρματος] τέτταρα, πρῶτον μὲν ἡ σφοδρότης τῆς ἡδονῆς· μᾶλλον γὰρ ἡδὺ πλέον ταῦτὸ γιγνόμενον πάθος, πλέον δὲ τὸ πᾶσι τοῖς μορίοις ἢ τὸ ἐνὶ ἡ ὀλίγοις συμβαῖνον αὐτῶν. (GA 721b13-17: “Há, por assim dizer, quatro argumentos que se podem invocar para afirmar que o sêmen provém de cada uma das partes do corpo. Em primeiro lugar, a intensidade do prazer. Diz-se que a mesma emoção, quanto mais forte, mais agradável é, e é mais forte se abranger todas as partes, e não apenas uma ou poucas”; itálicos nosso, tradução de Maria de Fátima Sousa e Silva em Aristóteles 2021). Em *De genitura*, o mesmo processo de produção do sêmen por parte do homem se repete espelharmente também para a mulher no capítulo IV, dedicado à produção de sêmen por parte da mulher.

<sup>42</sup> A frase “Com a fricção do órgão sexual e o movimento do ser humano” traduz τριβομένου δὲ τοῦ αἰδοίου καὶ τοῦ ἀνθρώπου κινεμένου. Ora, vários tradutores adoptaram diferentes interpretações. Joly 1970 traduz com “Par le frottement du sexe et le mouvement qu’ on se donne”; Lonie 1981 com “Friction on the penis and the movement of the whole man”; Giorgianni 2012 com “In seguito allo strofinamento del pene e ai movimenti dell’uomo”; Potter, enfim, com “As the penis is rubbed and the man moves”. Pode-se notar que Joly 1970 foi o único tradutor que considerou significativa a mudança de ἀνὴρ (da primeira linha do tratado) para ἄνθρωπος deste trecho. Lonie 1981, Giorgianni 2012 e Potter 2012 consideraram esse ἄνθρωπος (ser humano) como igual a ἀνὴρ (macho). Ora, mesmo se o começo do tratado possa deixar entender que nesse primeiro capítulo se esteja tratando da produção de sêmen por parte do homem (como de fato é na primeira parte com o uso de ἀνὴρ em ἡ δὲ γονὴ τοῦ ἀνδρὸς ἔρχεται ἀπὸ παντὸς τοῦ ὑγροῦ τοῦ ἐν τῷ σώματι ἐόντος τὸ ἰσχυρότατον ἀποκριθέν), parece significativa a abertura da discussão ao ἄνθρωπος, ao ser humano indistintamente se macho o fêmea. O autor do *De genitura* é muito atento, por óbvios motivos, à escolha dos termos ἀνὴρ, γυνή, ἄρσιν, θήλυς, e o termo ἄνθρωπος, em todas as outras ocorrências ao longo de *Genit/Nat.Puer.*, indicam o “ser humano” aquém da distinção macho-fêmea. Embora Potter 2012 interprete nesse trecho o termo αἰδοίου como “pênis” e ἄνθρωπος como “macho”, ele esclarece o uso do termo αἰδοίου: “αἰδοίου/*aidoion*: this term is applied at *Iliad* 13, 568 in the plural to the external genitalia of the male, a usage which persists in the Hippocratic Collection in reference to both sexes. However, in other passages, the meaning is narrowed to the organ of copulation. Thus, in the female, *aidoion* takes on the meaning of “vagina”, as clearly distinguished from the uterus: e.g. “if the mouth of a woman’s uterus (στόμα τῶν μητρώων) turns completely away from her vagina (ἀπὸ τοῦ αἰδοίου).” *Barreness* 1. In the male *aidoion* in this more limited sense refers to the “penis,” but excludes the testicles, which have their own designation: e.g., “The testicles and penis (ὄρχιες καὶ αἰδοίου) being retracted...” *Coan Prenotions* 484; “through...the testicles to the penis (διὰ τῶν ὀρχίων ἐς τὸ αἰδοίου)” *Generation* 1”. (Potter 2012, p. x-xii). Escolhemos, portanto, traduzir aqui, de forma genérica, τοῦ αἰδοίου com “órgão sexual” pela referência a τοῦ ἀνθρώπου que segue no texto e que indica o “ser humano”, tanto macho quanto fêmea.

<sup>43</sup> O verbo ἐκλονέω, importante em todo o tratado porque é a agitação que desencadeia o processo de produção do sêmen.

<sup>44</sup> Novamente κλονέω.

mais forte e mais grassa do humor<sup>45</sup> que espuma<sup>46</sup>, e esta parte vai à medula espinhal [–porquanto [*scil.* vasos e nervos]<sup>47</sup> se estendem também até esta parte a partir do corpo todo –, e se difunde a partir do cérebro em direção à região lombar, ao corpo todo e à medula, e a partir daqui estendem-se vias, de maneira que o humor possa tanto confluir [*scil.* na medula] quanto

---

<sup>45</sup> A dinâmica da produção do sêmen envolve vários aspectos. Em primeiro lugar, o autor afirma que o sêmen provém de todo o humor/líquido presente no corpo do homem, e de todo este conjunto de fluidos se separa a parte mais forte, que vai compor o sêmen. Este conceito é repetido várias vezes ao longo deste capítulo: τὸ ἰσχυρότατον ἀποκριθέν (“a parte mais forte que resulta da separação/secreção”), ὅτι ἀποκρίνεται τὸ ἰσχυρότατον (“que se separa/se secreta a parte mais forte”), τῷ ἀνθρώπῳ ἀποκρίνεται ἀπὸ τοῦ ὑγροῦ ἀφρέοντος τὸ ἰσχυρότατον καὶ πίοτατον (“no ser humano é separada/secretada a parte mais forte e mais grassa do humor que espuma”). O conceito de “parte mais forte” está ligado ao conceito de “separação/secreção”. Como destaca Lonie (1981, p. 99-100) em seu comentário, a ideia de separação de algo a partir de um conjunto é comum em vários pensadores pré-socráticos desde Anaximandro.

A dinâmica da produção do sêmen insere-se na mais geral explicação da dinâmica dos fluidos, cujas etapas são: 1) movimento, 2) aquecimento, 3) liquefação, 4) agitação violenta, 5) espumação. A propósito da separação, Lonie (1981, p. 100) destaca também o processo de separação presente no segundo capítulo do *De carnibus*.

<sup>46</sup> O autor está enunciando uma lei universal. “Espuma” (ἀφρέει). O verbo ἀφρέω (ou ἀφράω) faz parte da descrição do processo de produção do sêmen. Ele encontra-se (duas vezes) também antes no texto. Uma ocorrência do verbo ἀφρέω em *Morb. IV* denuncia a proximidade entre produção de sêmen e processo patológico, e mostra como é possível conceber o fato de que é a parte mais grassa de um líquido que se separa e espuma, na comparação com a produção de manteiga por parte dos citos; cfr. *Morb. IV*, LI Littré VII, XX Potter 2012. A analogia com a produção de manteiga apresenta não somente a mesma dinâmica dos líquidos do capítulo I de *Genit.*, mas também a referência ao “grasso” (τὸ πῖον) que chamam de manteiga (τὸ βούτυρον) e que, por ser leve, aflora (ἐπιπολῆς δίσταται τοῦτο).

Foi já destacada (cfr. Lonie 1981, p. 99-101; Giorgianni 2012, nota 4 *ad loc.*) a proximidade entre as teorias contidas em *Genit.* com o pensamento de Diógenes de Apolônia; também o verbo ἀφρέω confirma essa proximidade, que é ainda mais significativa porque é o único dos pré-socráticos em que ocorre o substantivo ἀφρός e o adjetivo ἀφρώδης. Temos, de fato, um testemunho e um fragmento deste pensador que citam esses termos. Interessante é o final do fragmento 6 (DK64B6 = Symp. *Phys.* 153, 13): τὸ δ’ αἷμα τὸ μὲν παχύτατον ὑπὸ τῶν σαρκωδῶν ἐκπίνεται ὑπερβάλλον δὲ εἰς τοὺς τόπους τοῦτους λεπτόν καὶ θερμόν καὶ ἀφρῶδες γίνεται (“o sangue, aquilo que é mais grosso, é absorvido pelas partes carnosas; o que é em excesso vai nessas partes [*scil.* nos vasos espermáticos] e se torna leve, quente e espumoso”). Nesse fragmento temos as características do sêmen de *Genit.* (θερμόν καὶ ἀφρῶδες) – embora o nosso tratado não faça derivar o sêmen só do sangue (como Diógenes) mas de todo o humor do corpo.

<sup>47</sup> Esta é a interpretação de Giorgianni 2012.

se afastar [*scil.* dela]].<sup>48</sup> Depois de chegar a essa medula, o sêmen flui rente aos rins;<sup>49</sup> porquanto aqui há uma via através de vasos, e, se os rins estiverem ulcerados, às vezes acontece que seja transportado junto [*scil.* com o sêmen] também sangue. Dos rins, o sêmen passa através da parte que está entre os testículos em direção ao pênis, e não flui através da mesma via pela qual passa a urina, mas para ele há uma outra via contígua a ela.

[3] Os que têm ejaculações involuntárias, têm-nas pelas seguintes razões<sup>50</sup>: quando o humor é derramado no corpo e bem aquecido, seja por conta de um grande esforço, seja por conta de

---

<sup>48</sup> O texto em colchetes é o de Giorgianni 2006. Este trecho apresenta alguns problemas de interpretação, foi considerado de várias maneiras e foi corrigido conforme a interpretação adotada. Esse trecho é expungido por Potter 2012, que segue Emerins 1862. Joly 1970 e Giorgianni 2006 mantêm o texto mas fazem diferentes operações. O texto de Joly 1970 é “τείνει γὰρ ἐς τοῦτον ἐκ παντὸς τοῦ σώματος, καὶ διαχωρεῖ ἐκ τοῦ ἐγκεφάλου ἐς τὴν ὀσφὺν καὶ ἐς πᾶν τὸ σῶμα καὶ ἐς τὸν μυελὸν, καὶ ἐξ αὐτοῦ τείνουσιν ὁδοὶ, ὥστε καὶ ἐπιέναι τοῦ ὑγροῦ ἐς αὐτὸν καὶ ἀποχωρεῖν” (Joly 1970, p. 44, 16-20: “Car elle [*scil.* la partie la plus forte et la plus grasse] y arrive du corps entier et s’écoule du cerveau vers les lombes, le corps entier et la moelle, et de celle-ci partent des voies, de sorte que l’humeur peut y arriver et en sortir”).

Giorgianni 2006 (e 2012) mantêm o texto, mas coloca a primeira frase entre parênteses escolhendo διαχεῖται em lugar do ativo διαχέει (como Lonie 1981, p. 107): “(τείνουσι γὰρ ἐς τοῦτον ἐκ παντὸς τοῦ σώματος), καὶ διαχεῖται ἐκ τοῦ ἐγκεφάλου ἐς τὴν ὀσφὺν καὶ ἐς πᾶν τὸ σῶμα καὶ ἐς τὸν μυελὸν, καὶ ἐξ αὐτοῦ τείνουσιν ὁδοὶ, ὥστε καὶ ἐπιέναι τοῦ ὑγροῦ ἐς αὐτὸν καὶ ἀποχωρεῖν”, entendendo com “veias e nervos” o sujeito de τείνουσι e com “a parte mais forte e mais grassa” o sujeito de διαχεῖται: “– del resto, anche in direzione di esso [*scil.* il midollo spinale] vene e nervi si tendono da tutto il corpo – e si diffonde dal cervello ai lombi, a tutto il corpo, nonché al midollo, e da questo si tendono vie che consentono ad una parte dell’umore di confluire nel midollo e allontanarsene” (Giorgianni 2006 e 2012). Potter 2012, por sua vez, segue a expunção do inteiro trecho, guardando o texto “τείνουσι γὰρ ἐς τοῦτον ἐκ παντὸς τοῦ σώματος, καὶ διαχέει ἐκ τοῦ ἐγκεφάλου ἐς τὴν ὀσφὺν καὶ ἐς πᾶν τὸ σῶμα καὶ ἐς τὸν μυελὸν, καὶ ἐξ αὐτοῦ τείνουσιν ὁδοὶ, ὥστε καὶ ἐπιέναι τοῦ ὑγροῦ ἐς αὐτὸν καὶ ἀποχωρεῖν” (optando por διαχέει – que já era de Littré VII – em lugar de διαχεῖται escolhido por Giorgianni 2006): “For they lead from the entire body to this part, and pass out of the brain to the loin, the whole body, and the marrow and from it passageways lead such that moisture can be both go to it and away from it”, Potter 2012).

Além dos problemas de concordância, há um outro problema de tipo doutrinal. No início do tratado, o autor se põe abertamente no âmbito da doutrina pangenética, pela qual o sêmen deriva do corpo inteiro. Nesse trecho problemático, o autor afirma uma coisa um pouco diferente. Antes de Aristóteles, como destaca Lesky (1951), há três teorias sobre a origem do sêmen: a teoria encefalo-mielogenética (pela qual o sêmen provém do cérebro e da medula), a teoria pangenética (o sêmen provém do corpo inteiro) e a teoria emogenética (pela qual o sêmen é uma derivação do sangue). Esse trecho διαχεῖται ἐκ τοῦ ἐγκεφάλου ἐς τὴν ὀσφὺν καὶ ἐς πᾶν τὸ σῶμα καὶ ἐς τὸν μυελὸν (“se difunde a partir do cérebro em direção à região lombar, ao corpo todo e à medula”; Giorgianni 2006, p. 146, 18-22) indica que o cérebro desempenha uma função importantíssima no processo de secreção do sêmen. Lonie (1981, p. 101-103) tenta explicar porque o autor esteja aqui mencionando o cérebro (ἐγκέφαλος, termo que é um *hapax* em *Genit./Nat.Puer.*) com o fato de ele unir de forma eclética duas teorias, a encefalo-mielogenética e a pangenética. A teoria encefalo-mielogenética é reconhecida como a mais antiga entre as da antiguidade por Lesky (1951) e a descrição mais completa pode-se encontrar no *Timeu* de Platão (73b-d).

<sup>49</sup> Lonie (comentário *ad loc.*, 1981, p. 107) destaca que o autor está usando o sistema vascular descrito por Diógenes de Apolônia (cfr. DK64B6).

<sup>50</sup> Καὶ οἱ ἐξονειρώσσοντες διὰ τὰδε ἐξονειρώσσουσιν (“Os que têm ejaculações involuntárias, têm-nas pelas seguintes razões”): o verbo ἐξονειρώσσω indica, conforme Giorgianni (2012, p. 216, nota 5 *ad loc.*), não somente as poluções nocturnas, as ejaculações involuntárias que ocorrem durante a noite, mas

qualquer outra razão, ele espuma; quando uma parte dele se separa, instalam-se visões de copulação;<sup>51</sup> de fato, o humor está na mesma condição de quem está copulando. Todavia, não vou falar mais sobre os sonhos e a doença na sua inteireza e o que ela produz, nem por que precede a loucura.<sup>52</sup> Isso é o que devia dizer em relação a este assunto.

## II

[1] Os eunucos não têm relações sexuais pelas seguintes razões: porque a sua passagem do sêmen é destruída;<sup>53</sup> pois é a passagem que passa exatamente pelos testículos; e finos e numerosos nervos estendem-se dos testículos até o pênis, graças aos quais [*scil.* o pênis] se ergue e se abaixa, e esses nervos são cortados na incisão, por isso os eunucos são impotentes. Nos que tiveram essas partes destruídas, a passagem do sêmen é obstruída;<sup>54</sup> porquanto os

---

também as diurnas, embora esse verbo possua etimologicamente uma conexão com o sono. A partir desse ponto até o fim deste capítulo, o autor trata das ejaculações involuntárias para explicar a causa.

<sup>51</sup> Entendemos com Potter 2012 o trecho καὶ ἀποκρῖνομένου ἀπ’ αὐτοῦ ὄραν παρίσταται οἷη λαγνείη (Potter 2012, p. 8, 10-11: “and as it is secreted from the person, visions of intercourse appear in his dreams”). Giorgianni entende de forma diferente com καὶ ἀποκρῖνομένου ἀπ’ αὐτοῦ, ὄραν παρίσταται οἷη λαγνείη (“[*scil.* l’umore in questo stato] si presenta alla vista come seme eiaculato”). Joly 1970 lê o texto da seguinte forma: καὶ ἀποκρῖνομένου ἀπ’ αὐτοῦ ὄραν παρίσταται οἱ ἡ λαγνείη (“et lors de l’éjaculation, on voit (en rêve) une scène érotique”). A tradução de Potter 2012 é interessante e tenta dar conta do contexto em que esta descrição está inserida e pode explicar a frase seguinte ἔχει γὰρ τὸ ὑγρὸν τοιοῦτο ὅπερ λαγνεύοντι (“de fato, o humor está na mesma condição de quem está copulando”).  
<sup>52</sup> ἀλλ’ οὐ μοι περὶ ὄνειράτων καὶ παντὸς τοῦ νοσήματος ἔτι ἐστὶ, καὶ ὀκόσα ἐργάζεται, καὶ διότι πρὸ μανίης (“Todavia, não vou falar mais sobre os sonhos e a doença na sua inteireza e o que ela produz, nem por que precede a loucura”). Como destaca Giorgianni (2012, p. 216, nota 5 *ad loc.*), as ejaculações involuntárias são consideradas uma doença porque a dinâmica pela qual essas se produzem remete a um desequilíbrio dos humores dentro do corpo. De fato, quando houver condições parecidas com as que ocorrem durante o ato da cópula, se produzem os mesmos efeitos, como o autor destaca: ἐπὶ τὸ ὑγρὸν ἐν τῷ σώματι διακεχυμένον ἔη καὶ διάθερμον, εἴτε ὑπὸ ταλαιπωρίας, εἴτε καὶ ὑπὸ ἄλλου τινός, ἀφρέει. As causas podem ser um esforço excessivo ou outra, isso não importa; o que importa é que, assim que o humor se difundir (διακεχυμένον ἔη) e for aquecido (διάθερμον), ele espuma (ἀφρέει). Ademais, essa doença precede a maníe, a loucura, uma patologia que se insere em um quadro mais amplo de discussão em alguns tratados da *Coleção hipocrática* e dialoga também com o *Timeu* de Platão.

O avizinhamento entre a esfera do sonho (neste caso ὄνειρώσσω e não ἐξονειρώσσω) e a da loucura é testemunhado em *De victu* XXXV.

<sup>53</sup> “é destruída” traduz ἀμαλδύνεται. O verbo ἀμαλδύνω é interessante, porque, dentro da *Coleção hipocrática*, as suas ocorrências se limitam ao *Genit./Nat.Puer.* (duas) e ao *De mulierum affectibus I-II* (três), que são tratados do “autor C”; portanto podemos identificar nesse verbo uma marca de autor. De fato, ἀμαλδύνω é raro, e não ocorre na prosa até o século V a.C. senão em Demócrito e nesses tratados médicos. Na poesia, ἀμαλδύνω ocorre três vezes na *Ilíada* (VII 463, XII 18 e 32); no *Hino homérico* (II) a Demetra (94); em Baquilides (Epinício XIV 3-4); e em Aristófanes (*Paz* 380). Conforme Chantraine explica (1977, *s.v.*), esse verbo é, ao mesmo tempo, jônico e épico, e empregado para vários usos.

<sup>54</sup> “a passagem do sêmen é obstruída”: ἡ ὁδὸς τῆς γονῆς ἐμπέφρακται. Como destaca Lonie (comentário *ad loc.*, 1981, p. 113), a obstrução de um vaso, de uma passagem, de um canal, é uma explicação clássica das doenças na medicina grega. Nesta perspectiva, entende-se a insistência do autor nos termos ὁδός, δίοδος e εὐρυχωρή (espaço aberto que é condição para que os fluxos possam passar). O termo ὁδός, só nesse tratado, é usado 18 vezes, enquanto δίοδος 4, e εὐρυχωρή 16. Só neste capítulo há 3 ocorrências

testículos se endurecem, e os nervos, uma vez que se tornaram duros e inertes por conta do endurecimento, não são capazes de tensionar e de relaxar. [2] Todos os que receberam um corte rente à orelha, estes têm relações sexuais e ejaculam, mas pouco [*scil.* sêmen], débil e estéril; porquanto a maior parte [*scil.* do sêmen] flui da cabeça rente às orelhas em direção à medula espinhal: é esta passagem que se endurece por conta da cicatriz da incisão que se forma.<sup>55</sup>

[3] Nas crianças de sexo masculino, os vasos pequenos, sendo finos e cheios, impedem que o sêmen flua, e o prurido não surge da mesma maneira [*scil.* que nos adultos]. Por essas razões, tampouco o humor que está no corpo se agita<sup>56</sup> até o ponto de secretar o sêmen. Também nas crianças de sexo feminino<sup>57</sup>, enquanto forem jovens, não escorre o mênstruo pela mesma causa. Todavia, assim que a criança de sexo feminino e a de sexo masculino crescerem, os vasos que se estendem até o pênis do menino e até o útero da menina se tornam capazes de permitir o fluxo por conta do crescimento e se dilatam, e se gera uma passagem através de espaços estreitos, e é neste momento que o humor é sujeito à “agitação”<sup>58</sup>, pois é nesse momento que se gera, para o humor, um espaço suficientemente amplo para que seja agitado.<sup>59</sup> E é por essa razão que, quando é maduro, no menino flui o sêmen, e na menina o mênstruo. Essa é a minha explicação sobre este assunto.<sup>60</sup>

---

de δίοδος, 2 de ὀδός e 1 de εὐρυχωρή. Ademais, o termo εὐρυχωρή ocorre 38 vezes na *Coleção hipocrática*: 11 vezes só nos tratados *Genit./Nat.Puer.*, 9 vezes no *Morb. IV*, e 4 em *Mul. I*, ou seja, 26 ocorrências no “autor C”.

Wellmann (1929, p. 319 e nota 107) sugere que a referência à εὐρυχωρή remete ao atomismo. Todavia, como destaca Lonie (1981, p. 113), em *Genit.*, não há uma referência explícita ao atomismo, embora a concepção de fundo em que se encaixa a questão da εὐρυχωρή remita a uma concepção mecanicista do funcionamento do corpo, dos vasos e da difusão do sêmen dentro do corpo.

<sup>55</sup> Um ponto importante na explicação da infertilidade do homem é o corte atrás das orelhas: quem o recebeu pode ter relaxões sexuais mas não pode gerar, o que significa que, mesmo em presença de ereção e de uma ejaculação pequena, o sêmen não é fértil. A explicação é que a maior parte do sêmen flui da cabeça, e isso “salva” a teoria pangenética do sêmen e a sua conexão com a teoria mielo-encefalogenética: aqui parece que o único sêmen fértil é o que desce da cabeça, que, no caso dos que receberam um corte atrás das orelhas, é impedido de descer.

Na *Coleção hipocrática*, há quatro referências à incisão atrás das orelhas que torna o homem infértil: cfr. *Aer. XXII, Epid. VI 15 e Loc.Hom. III 5*.

<sup>56</sup> Novamente κλονέω.

<sup>57</sup> O termo παρθένος, traduzido por “crianças de sexo feminino”, indica primeiramente a “mulher não casada”, o que pode indicar, mas de maneira derivada e com as devidas contextualizações, a “virgem”, a mulher que não teve relaxões sexuais. Sobre esse assunto, a *Coleção hipocrática* guarda um tratado, o *De virginum morbis*, que relata acerca dos transtornos que enfrentam as mulheres que não têm relaxões sexuais.

<sup>58</sup> O termo é κλόνησις.

<sup>59</sup> O verbo é κλονέω.

<sup>60</sup> O final deste capítulo permite entender melhor o processo de produção do sêmen assim como é explicado nos dois primeiros capítulos. No primeiro, depois do *incipit*, o autor explica a fisiologia da produção de sêmen: o que ocorre em condições não patológicas. O segundo capítulo, ao contrário, explica as condições – patológicas e não – que impedem a produção e a emissão do sêmen. Nesta

### III

[1] Afirmo que o sêmen se secreta do corpo inteiro, tanto das partes duras quanto das partes moles, e do humor na sua inteireza.<sup>61</sup> Há quatro formas do humor: sangue, bílis, água e fleuma; de fato, tantas são as formas [*scil.* de humores] que o ser humano possui congênicas em si: é a

---

perspectiva, há um *décalage* entre estas condições. Primeiramente, é exposta a condição patológica pior em relação à reprodução: são considerados os eunucos, que não conseguem ter ereção por conta do fato de que os nervos que servem para erguer e relaxar o pênis são cortados junto com os testículos. Essa condição é aquela em que não há nem emissão de sêmen nem ereção. A segunda condição patológica é a dos que sofreram uma incisão atrás das orelhas: nesse caso, os homens podem ter relações sexuais e até ejaculam, mas o sêmen não é fértil (o sêmen ejaculado não provém da cabeça por conta do bloqueio dos vasos produzido pela incisão). A terceira condição que impede a produção de sêmen não é de origem traumática, mas depende da mocidade: os jovens, e neste caso são incluídos tanto os machos quanto as fêmeas, ainda não desenvolveram, como os seres humanos sexualmente maduros, as estruturas que permitem a produção e a emissão de sêmen. A teoria pela qual a expansão dos vasos é condição para a produção de sêmen e de “frutos” é retomada na secção botânica de *Nat.Puer.* (capítulos de XXII a XXVII Littré/XI-XVI Potter), no capítulo XXVI/XV Potter.

<sup>61</sup> O autor afirma aqui: Τὴν δὲ γονὴν φημι ἀποκρίνεσθαι ἀπὸ παντὸς τοῦ σώματος, καὶ ἀπὸ τῶν στερεῶν καὶ ἀπὸ τῶν μαλακῶν, καὶ ἀπὸ τοῦ ὑγροῦ παντὸς τοῦ ἐν τῷ σώματι (“Afirmo que o sêmen se secreta do corpo inteiro, tanto das partes duras quanto das partes moles, e do humor na sua inteireza”), o que acrescenta o que foi afirmado no começo do capítulo I: ἡ δὲ γονὴ τοῦ ἀνδρὸς ἔρχεται ἀπὸ παντὸς τοῦ ὑγροῦ τοῦ ἐν τῷ σώματι ἐόντος, τὸ ἰσχυρότατον ἀποκριθὲν (“o sêmen do homem provém de todo o humor que há no corpo, sendo a parte do humor mais forte que é secretada”). O autor retoma a discussão sobre a origem do sêmen, mas, desta vez, esclarece primeiramente que esse deriva do corpo inteiro, e logo mostra o que entende: é cada parte, com as suas próprias características, que contribui à formação do sêmen; e por isso cita as partes duras e as partes moles. Esta precisção não é anódina se posta no contexto das teorias da hereditariedade presentes nos tratados da *Coleção hipocrática*. Em relação ao capítulo III de *Genit.*, já Lonie (1981, p. 115-6) mostra a profunda relação que essa passagem tem com *Morb.Sacr.* e *Aer.*

Em relação a *Morb.Sacr.*, ao considerar o capítulo II deste tratado, a proximidade com *Genit.* é marcante. Depois de ter explicado que a assim chamada “doença sagrada” não é divina, mas tem a própria origem natural, a sua própria natureza (φύσις) como todas as outras doenças, o autor escreve: Ἄρχεται δὲ ὡσπερ καὶ τᾶλλα νοσήματα κατὰ γένος. Εἰ γὰρ ἐκ φλεγματοῦδος φλεγματοῦδος, καὶ ἐκ χολώδους χολώδης γίνεται καὶ ἐκ φθινώδους φθινώδης καὶ ἐκ σπληνώδους σπληνίης, τί κωλύει, ὅπου πατήρ ἢ μήτηρ εἶχετο τούτῳ τῷ νοσήματι, τούτῳ καὶ τῶν ἐκγόνων ἔχεσθαι τινα; Ὡς ὁ γόνος ἔρχεται πάντοθεν τοῦ σώματος, ἀπὸ τε τῶν ὑγιερῶν ὑγιερὸς καὶ ἀπὸ τῶν νοσερῶν νοσερός (*Morb.Sacr.* II 2, Jouanna 2003a, p. 10, 11-18: “[*scil.* a “doença sagrada”] começa em razão da hereditariedade como também as outras doenças. Porquanto, se de um fleumático nasce um fleumático, de um bilioso um bilioso, de um tísico um tísico, e de um esplenético um esplenético, o que impede, no caso em que um pai ou uma mãe fossem afetados por esta doença, que por essa doença também sejam afetados um dos filhos? Porquanto o sêmen provém de todas as partes do corpo, das partes sãs, são e, das partes doentes, doente”).

No último capítulo de *Genit.*, o XI, a explicação das malformações, uma vez que o autor já tratara as devidas a eventos traumáticos, remete à alteração do sêmen: ἐπὶν <δέ> τί οἱ νόσημα προσπέση, αἱ τοῦ ὑγροῦ αὐτῷ, ἀφ’ οὗ τὸ σπέρμα γίνεται, τέσσαρες ἰδέαι εὐδοῖσαι, ὁκόσαι ἐν φύσει ὑπῆρξαν, τὴν γονὴν οὐχ ὅλην παρέχουσιν, ἀσθενέστερον δὲ τὸ κατὰ τὸ πεπηρωμένον· οὐ θαῦμα δέ μοι δοκεῖ εἶναι καὶ πηρωθῆναι, καθάπερ ὁ τοκεύς (*Genit.* XI, Potter 2012, p. 22, 21-6, “Todavia, quando alguma doença entra em contato com ela, as quatro formas do humor, do qual se gera o esperma, as quais estão naturalmente nela, não dão o sêmen inteiro, mas o esperma na parte malformada é mais débil. Não me parece surpreendente o fato de que também [*scil.* o filho] seja malformado da mesma forma como o genitor”). O conceito é que uma parte que padeça de alguma alteração causada por uma doença produz um sêmen doente, assim como afirma o autor de *Morb.Sacr.* na passagem acima citada.

partir delas que se geram as doenças.<sup>62</sup> Eu já tratei desses assuntos, assim como do por que destas [*scil.* formas] se geram as doenças e as crises que seguem às doenças.<sup>63</sup> E acerca do sêmen eu já disse isto: de onde ele se gera e de qual maneira e por qual causa, e, nos casos em que não se gera o sêmen, por que não se gera, e [*scil.* já tratei] também do mênstruo das jovens mulheres.

#### IV

[1] Afirmo que nas mulheres, durante a união sexual, sendo friccionada a vagina<sup>64</sup> e movido o útero, algo como um prurido pervade o útero e proporciona ao resto do corpo prazer e calor.

---

<sup>62</sup> εἰσὶ δὲ τέσσαρες ἰδέαι τοῦ ὑγροῦ, αἷμα τε καὶ χολή καὶ ὕδωρ καὶ φλέγμα· τοσαύτας γὰρ ἰδέας ἔχει συμφυέας ὁ ἄνθρωπος ἐν ἑωυτῷ, καὶ ἀπὸ τουτέων αἱ νοῦσοι γίνονται· (*Genit.* III, Potter 2012, p. 10, 19-22: “Há quatro formas do humor: sangue, bílis, água e fleuma; de fato, tantas são as formas [*scil.* de humores] que o ser humano possui congênicas em si: é a partir delas que se geram as doenças”).

O autor introduz aqui uma das mais famosas teorias que encontramos nos tratados da *Coleção hipocrática*, a dos humores, que terá uma grande fortuna ao longo de toda a história da medicina ocidental. Conforme a doutrina deste tratado, as formas (idéai) que o humor – o ὑγρόν, que é o conjunto de todo o humor que está no corpo e do qual provém o sêmen – são quatro: o sangue (αἷμα), a bílis (χολή), a água (ὕδωρ) e a fleuma (φλέγμα). Ora, não todos os autores da *Coleção hipocrática* estão de acordo com os tipos de humor presentes no corpo humano. Um dos lugares mais famosos em que se encontra essa a teoria é o tratado *De nautra hominis* composto por Pólibo, genro de Hipócrates, e cuja autoria foi atribuída a Hipócrates: Galeno considerou esse tratado como uma das obras autênticas do mestre de Cós, e o juízo dele pesou em toda a história da medicina e da assim chamada “questão hipocrática”.

Nos capítulos IV e V de *Nat.Hom.*, Pólibo enumera quatro humores e atribui-lhes a causa tanto do surgimento das doenças quanto da recuperação da saúde, assim como está afirmado em *Genit.* Todavia, nosso autor difere de *Nat.Hom.* quanto aos tipos de humor presentes no corpo humano, porque para Pólibo os humores são sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra, cfr. *Nat.Hom.* IV-V, Jouanna 2002, p. 172, 13-178,9.

<sup>63</sup> Depois de ter tratado dos humores, o autor especifica o seu discurso: os humores são quatro e desses se geram as doenças, acrescentando a informação de que já tratou do surgimento das doenças: δεδήλωται δέ μοι καὶ περὶ τούτων, καὶ διότι ἐκ τούτων αἱ νοῦσοι γίνονται ἐκ νούσων διακρίσεις (*Genit.* III, Potter 2012, p. 10, 23-24: “Eu já tratei desses assuntos, assim como do por que destas [*scil.* formas] se geram as doenças e as crises que seguem às doenças”). Esta frase refere-se a algo fora deste tratado, indicando uma outra obra em que o autor tratou o fato de que as doenças derivam dos humores. Em relação à “citação” do autor, Potter 2012 remete a *Morb.* IV 1, e portanto acha que este tratado é anterior a *Genit./Nat.Puer.* Também Giorgianni (2012, p. 217, nota 9 *ad loc.*), sugere que se trata de uma referência explícita a *Morb.* IV, “in cui origine e decorso delle malattie sono spiegati su base prettamente umorale. D'altronde, anche l'inizio di *Malattie IV* è concepito dal suo autore ovvero redattore come un prosieguo dello scritto *La natura del bambino*”.

O começo de *Morb.* IV, no capítulo I, retoma três pontos da discussão de *Genit.*: 1) é afirmada a teoria pangenética do esperma (o sêmen provém de todas as partes do corpo), 2) as formas do humor são quatro e são as mesmas (fleuma, sangue, bílis e água-humor aquoso), e 3) é a partir dessas quatro formas de humor que se geram as doenças. Sobre o conceito de crise, vide Longhi 2020 e Pigeaud 2006.

<sup>64</sup> Aqui, o termo αἰδοῖον, no singular, indica não somente a vagina, mas também a vulva, o aparato reprodutivo, exceto o útero, que é sempre indicado com o termo μήτραι.

Também a mulher emite uma secreção que provém do corpo [*scil.* inteiro]<sup>65</sup>, às vezes para dentro do útero, e o útero torna-se úmido<sup>66</sup>, e noutras vezes, para fora, caso o útero se abra mais do que o oportuno.<sup>67</sup> A mulher tem prazer desde o começo da união sexual, durante o tempo todo, até que o homem ejacule nela.<sup>68</sup> Se a mulher cobiçar se unir sexualmente, ejaculará antes

<sup>65</sup> μεθίει δὲ καὶ ἡ γυνὴ ἀπὸ τοῦ σώματος (IV Potter 2018, p. 12, 6-7: “Também a mulher emete uma secreção que deriva do corpo [*scil.* inteiro]”).

<sup>66</sup> O termo não é ὑγρός, mas ἰκμαλέος. Esse adjetivo deriva do substantivo ἰκμάς, -άδος, do qual deriva a família lexical com os verbos ἰκμάζω e ἰκμαίνω (“molhar”, “umedecer”, “banhar”) e o adjetivo ἰκμαῖος (“plúvio”, um atributo de Zeus também). Em *Genit./Nat.Puer.*, o termo ἰκμάς é usado inúmeras vezes, sobretudo na seção botânica de *Nat.Puer.* De fato, na analogia entre plantas e animais, esse termo indica o suco – ou os sucos – que a planta suga da terra e que faz com que ela cresça. No capítulo XXIV 1 Littré/XIII Potter, por exemplo, é a própria terra (γῆ) que é dita ἰκμαλέη.

<sup>67</sup> Aqui, “o oportuno” traduz o termo grego καιρός, que indica, em geral a “medida certa”, a “justa proporção” na administração de alimentos, bebidas ou fármacos, e o “momento certo”. Em geral, esse termo indica “o que é oportuno”, e a construção aqui usada ἢν χάσκωσιν αἱ μήτραι μᾶλλον τοῦ καιροῦ é extremamente comum na *Coleção hipocrática* depois de um verbo: verbo + μᾶλλον τοῦ καιροῦ ou ἔλασσον τοῦ καιροῦ. Com os adjetivos, se usa a construção “adjetivo no grau comparativo” + τοῦ καιροῦ. O conceito de καιρός é fundamental para a ciência médica hipocrática. Para um estudo geral sobre este conceito de Homero até Aristóteles, vide Trédé 2020 (em relação à medicina da *Coleção hipocrática*, cfr. p. 155-193), e Marino 2022 e 2021.

<sup>68</sup> É oportuno, aqui, destacar a posição do autor acerca da participação da mulher na reprodução. *Genit.* não deixa dúvidas quanto a isso: a mulher, assim como o homem, emite um sêmen que vai se juntar ao do homem, e desta união se gera o embrião.

Ora, *Genit./Nat.Puer.* insere-se dentro, e toma uma posição forte e clara, de um debate que animava a surgente ciência grega, o da produção do sêmen. Como Lonie (1981, p. 119) destaca a propósito, entre os filósofos pré-socráticos, havia dois posicionamentos; um que via só o homem como responsável pela emissão de sêmen, e um outro, pelo qual tanto o homem quanto a mulher produziam sêmen e portanto havia uma coparticipação na origem do embrião e do futuro ser humano.

Defensores da ideia de que só o homem emite sêmen, são Anaxágoras, Hípon, Diógenes de Apolônia e alguns Pitagóricos. Defensores da ideia de que homem e mulher contribuem igualmente para o sêmen são Alcmeón, Parmênides, Empédocles, Demócrito e o autor do maior tratado da *Coleção hipocrática*, *De victu*, no livro primeiro.

Quanto a Anaxágoras, possuímos um testemunho de Aristóteles, no *De generatione animalium* IV, que se abre com a questão acerca da determinação do sexo, se esta distinção se estabelece dentro da mãe ou antes. Aristóteles, portanto, relata as posições de seus predecessores começando por Anaxágoras: φασὶ γὰρ οἱ μὲν ἐν τοῖς σπέρμασιν εἶναι ταύτην τὴν ἐναντίωσιν εὐθύς, οἷον Ἀναξαγόρας καὶ ἕτεροι τῶν φυσιολόγων· γίνεσθαι τε γὰρ ἐκ τοῦ ἄρρενος τὸ σπέρμα, τὸ δὲ θῆλυ παρέχειν τὸν τόπον, καὶ εἶναι τὸ μὲν ἄρρεν ἐκ τῶν δεξιῶν τὸ δὲ θῆλυ ἐκ τῶν ἀριστερῶν, καὶ τῆς ὑστέρας τὰ μὲν ἄρρενα ἐν τοῖς δεξιοῖς εἶναι τὰ δὲ θήλα ἐν τοῖς ἀριστεροῖς (Arist. *GA* IV 763b30-764a1: “Dizem alguns — Anaxágoras e outros fisiólogos, por exemplo — que esta oposição já existe no esperma; segundo eles, o esperma provém do macho e a fêmea contribui com o lugar; o sêmen macho vem da direita e o fêmea da esquerda; e, quanto ao útero, os machos estão à direita e as fêmeas à esquerda”; tr. Maria de Fátima Sousa e Silva em Aristóteles 2021). Importante, aqui, destacar que a fêmea oferece só o lugar (τὸ δὲ θῆλυ παρέχειν τὸν τόπον). Quanto às últimas duas linhas καὶ τῆς ὑστέρας τὰ μὲν ἄρρενα ἐν τοῖς δεξιοῖς εἶναι τὰ δὲ θήλα ἐν τοῖς ἀριστεροῖς, Peck 1963 as expunge, e portanto, como apontam Lanza-Vegetti (2018, nota 1 *ad loc.*), não é necessário atribuir a doutrina da direita-esquerda a Anaxágoras, uma doutrina que, todavia, tem grande relevância na filosofia e na ciência grega; sobre este aspecto, vide. Lloyd 1991b).

Embora pense que a mulher não contribua na reprodução senão pelo lugar, Hípon parece ter uma teoria diferente da do Anaxágoras: enquanto o filósofo de Clazômenas nega a produção de sêmen por parte

do homem, e pelo resto do tempo a mulher não tem mais prazer da mesma forma; mas, se não cobiçar, o prazer terminará junto com o do homem. [2] É como se se vertesse sobre água fervente outra água fria: a água cessa de ferver; desta mesma maneira, também o sêmen do homem, caindo no útero, apaga o calor e o prazer da mulher. O prazer e o calor eclodem<sup>69</sup> no momento em que o sêmen cai no útero, e depois cessam; é como se se vertesse vinho sobre uma chama: acontece que a chama primeiramente eclode<sup>70</sup> e cresce por pouco tempo em relação à versão do vinho, e depois se apaga. Da mesma forma, também na mulher o calor chega ao máximo grau<sup>71</sup> pelo sêmen do homem, e depois se apaga.

A mulher prova muito menos prazer do que o homem na união sexual, mas por um tempo maior do que o homem. A razão pela qual o homem prova mais prazer é que o sêmen é secretado do humor por ele de maneira repentina e em consequência de uma agitação mais violenta do que

---

da mulher, Hípon pensa que tanto o homem quanto a mulher emitam esperma, mas que o da mulher não contribua à geração enquanto cai fora do útero; cfr. DK38A14 (para Hípon, vide Casertano 2021).

Quanto a Diógenes de Apolônia, Censorino nos informa de que, para este filósofo, só o homem dá o sêmen que constitui o embrião, cfr. DK64A27 (= Censor. *de d. nat.* 5, 4). Quanto aos pitagóricos mencionados por Lonie (1981, p. 119), a referência é DK58B1.a (= D.L. VIII 28).

Como destacado acima, a posição pela qual homens e mulheres contribuem para o sêmen é comparilhada por Alcmeón, Parmênides, Empédocles e Demócrito. Para Alcmeón, cfr. DK24A14 (= Censor. *De d. nat.* 6, 4). Para Empédocles, possuímos o testemunho de Aristóteles, cfr. DK31B63 (= Arist. *GA* I 722b10-12).

Em Demócrito, igualmente, encontramos a afirmação de que também a mulher emite sêmen, e a razão é anatômica; cfr. DK68A142 (= Aet. V 5, 1 [*Dox.* 418]). Para um aprofundamento acerca de Demócrito, vide Perilli 2007 e De Ley 1980. Para o tratado *De victu*, cfr. I, XXVII, Joly 2003, p. 144, 4-9.

Acerca da questão do envolvimento da mulher na concepção do embrião, há um destaque que aparece com frequência na literatura crítica (por exemplo, Cerri 1999, p. 287; Lonie 1981, p. 119) e que é importante para apreciar o peso deste debate dentro da sociedade grega. Nas *Eumênides* de Esquilo, se encena o processo contra Orestes, réu de ter assassinado a mãe Clitemnestra, que por sua vez tinha assassinado o marido Agamêmnon. A questão levantada pelas Erínias é que Oreste cumpriu um crime contra o próprio sangue, e assim Atenas convoca um processo – que funda, na mitologia, o Areópago, o antigo tribunal de Atenas (cfr. *Eu.* 481-84). A passagem chamada em causa em relação à contribuição da mulher na concepção do embrião (*Eu.* 657-666) é antecipada pelos versos 605-6, no diálogo entre Orestes e o coro das Erínias, coro que sustenta que o assassinio de Agamêmnon por parte de Clitemnestra não é tão grave quanto o assassinio da própria mãe. Já desde a resposta de Orestes (v. 606) se coloca a questão sobre o envolvimento da mãe no ato da procriação e sobretudo da geração do embrião. A resposta de Orestes é, na verdade, uma pergunta que abre essa questão, que é retomada por Apolo, enquanto advogado de Orestes, na defesa: a mãe só hospeda o embrião, mas quem gera é quem fecunda, ou seja, o pai, cfr. *Eu.* 657-666.

<sup>69</sup> O verbo ἐξάισσω encontra-se somente neste tratado, três ocorrências no capítulo IV parágrafo 2, constituindo, portanto, junto a outros termos, uma marca do autor. O verbo significa “pular”, “dar um pulo”, como, por exemplo, nas descrições de ações de guerra. Aqui, devemos imaginar um uso metafórico do verbo, porque o prazer e o calor “dão um pulo” – assim como a chama, na analogia posta pouco depois –, indicando a chegada a um grau máximo.

<sup>70</sup> Novamente ἐξάισσω.

<sup>71</sup> Novamente ἐξάισσω.

na mulher.<sup>72</sup> [3] E isto também é assim para as mulheres: se elas se unem sexualmente com homens, ficam mais saudáveis; se não se unem, menos. Porquanto, por um lado, no momento da cópula, o útero torna-se úmido e não seco, ao passo que, se é mais seco do que o oportuno, contrai-se violentamente e, se é contraído violentamente, dá sofrimento ao corpo. Por outro lado, a união sexual, esquentando e umedecendo o sangue, produz uma passagem mais fácil

<sup>72</sup> A notação sobre o prazer da mulher, também em comparação com o do homem, não é peregrina na economia deste capítulo e deste tratado mais em geral, e isso porque é propriamente com base no prazer, que é comum tanto ao homem quanto à mulher, que o autor quer e pode sustentar a tese de que tanto os homens quanto as mulheres emitem sêmen. O capítulo IV visa mostrar que os homens e as mulheres possuem aparatos semelhantes e que, dentro dos respectivos corpos, se desencadeiam processos semelhantes. É essa semelhança funcional que o autor quer destacar ao chamar a atenção sobre o prazer. De fato, o que é afirmado nesse capítulo pode ser comparado em paralelo com o processo de produção e de emissão de sêmen por parte do homem. Tomem-se em consideração as seguintes passagens sobre o homem do capítulo I: [...] ἡ δὲ γονὴ τοῦ ἀνδρὸς ἔρχεται ἀπὸ παντὸς τοῦ ὑγροῦ τοῦ ἐν τῷ σώματι ἐόντος [...] (I Potter 2012, p. 6, 1-3: “o sêmen do homem provém de todo o humor que há no corpo”) – φλέβες καὶ νεῦρα ἀπὸ παντὸς τοῦ σώματος τείνουσιν ἐς τὸ αἰδοῖον, οἷσιν ὑποτριβομένοισι καὶ θερμαινομένοισι καὶ πληρευμένοισιν ὥσπερ κνησμὸς ἐμπίπτει καὶ τῷ σώματι παντὶ ἡδονὴ καὶ θέρμη ἐκ τούτου παραγίνεται (I Potter 2012, p. 6, 6-10: “As coisas são da seguinte maneira: vasos e nervos se estendem de todo o corpo em direção ao pênis; a estes, quando friccionados, aquecidos e enchidos, sobrevém algo como um prurido, e a partir disso geram-se prazer e calor no corpo todo”). Paralelamente, no capítulo IV, o autor, mesmo no começo, afirma: Τῆσι δὲ γυναιξί φημι ἐν τῇ μίξει τριβομένου τοῦ αἰδοίου καὶ τῶν μητρώων κινευμένων, ὥσπερ κνησμὸν ἐμπίπτει ἐς αὐτάς καὶ τῷ ἄλλῳ σώματι ἡδονὴν καὶ θέρμην παρέχειν (IV Potter 2012, p. 12, 3-6: “Afirmo que nas mulheres, durante a união sexual, sendo friccionada a vagina e movido o útero, algo como um prurido pervade o útero e proporciona ao resto do corpo prazer e calor. Também a mulher emite uma secreção que provém do corpo [*scil.* inteiro]”):

| Homem: capítulo I   | Mulher: capítulo IV                                    |
|---|--|
| [...] ἡ δὲ γονὴ τοῦ ἀνδρὸς ἔρχεται ἀπὸ παντὸς τοῦ ὑγροῦ τοῦ ἐν τῷ σώματι ἐόντος [...] | μεθίει δὲ καὶ ἡ γυνὴ ἀπὸ τοῦ σώματος                   |
| οἷσιν ὑποτριβομένοισι   | τριβομένου τοῦ αἰδοίου                                 |
| ὥσπερ κνησμὸς ἐμπίπτει  | ὥσπερ κνησμὸν ἐμπίπτει ἐς αὐτάς [ <i>scil.</i> μήτρας] |
| τῷ σώματι παντὶ ἡδονὴ καὶ θέρμη ἐκ τούτου παραγίνεται                                 | τῷ ἄλλῳ σώματι ἡδονὴν καὶ θέρμην παρέχειν              |

Os elementos relativos à produção de sêmen por parte do homem se repitem na exposição acerca da mulher com os mesmos termos:

- 1) γονή por ambos os sexos,
- 2) ὑποτρίβω e τρίβω, com leve variação do verbo,
- 3) κνησμὸς ἐμπίπτει, igual em ambos os capítulos,
- 4) ἡδονὴ καὶ θέρμη, igual nos dois capítulos,
- 5) τῷ σώματι παντὶ e τῷ ἄλλῳ σώματι, para indicar que no corpo inteiro se geram calor e prazer.

Em *Mul. I*, encontramos um pequeno trecho em que o autor, tratando da mulher que quer engravidar e dos dias oportunos, destaca o papel do desejo, cfr. *Mul. I*, XVII, Potter 2018, p. 58, 24-60, 5.

O prazer é um fator importante nas doutrinas fisiológicas e embriológicas ao longo de toda a especulação antiga. Já relatamos o testemunho sobre Demócrito (DK68A142). Como destaca Lonie (1981, p. 120), o prazer é um dos argumentos no qual se baseia a teoria pangenética do sêmen: o corpo inteiro concorre na produção de sêmen porque é o corpo inteiro que prova prazer durante a união sexual; cfr. também Aristot. *GA* 727b33-728a14, e *Lucr.* IV 1192-1232.

para o mênstruo;<sup>73</sup> caso não escorra o mênstruo, o corpo da mulher torna-se mais predisposto a adoecer.<sup>74</sup> Por que se torna mais predisposto a adoecer, direi em *Doenças das mulheres*;<sup>75</sup> e isso era quanto devia dizer acerca deste assunto.

---

<sup>73</sup> Função clara da prática do sexo é a de umedecer o sangue. Isso se deve ao fato de que, com a cópula, o corpo inteiro se move e começa a produção de sêmen, que se dá com o aquecimento do humor; do humor, portanto, se secreta uma parte que compõe o sêmen e que umedece os canais pelos quais escorre o mênstruo.

<sup>74</sup> ἔχει δὲ καὶ τὸδε οὕτω τῆσι γυναιξίν· ἦν μὲν μίσιγονται ἀνδράσι, μᾶλλον ὑγαιίνουσιν· ἦν δὲ μὴ, ἦσσον· ἅμα μὲν γὰρ αἰ μῆτραι ἰκμαλέαι γίνονται ἐν τῇ μίξει καὶ οὐ ξηραὶ, <ξηραὶ δὲ> εὐῶσαι μᾶλλον τοῦ καιροῦ συστρέφονται ἰσχυρῶς, συστρεφόμεναι δὲ ἰσχυρῶς πόνον τῷ σώματι παρέχουσιν· ἅμα δὲ ἡ μίξις τὸ αἷμα θερμαίνουσα καὶ ὑγραίνουσα ποιεῖ ὁδὸν ῥηϊτέραν τοῖσι καταμηνίοισι· τῶν δὲ καταμηνίων μὴ χωρεόντων τὰ σώματα τῶν γυναικῶν ἐπίνοσα γίνεται· (IV Potter 2012, p. 12, 27-14, 9: “E isto também é assim para as mulheres: se elas se unem sexualmente com homens, ficam mais saudáveis; se não se unem, menos. Porquanto, por um lado, no momento da cópula, o útero torna-se úmido e não seco, ao passo que, se é mais seco do que o oportuno, contrai-se violentamente e, se é contraído violentamente, dá sofrimento ao corpo. Por outro lado, a união sexual, esquentando e umedecendo o sangue, produz uma passagem mais fácil para o mênstruo; caso não escorra o mênstruo, o corpo da mulher torna-se mais predisposto a adoecer”).

Todo este trecho apresenta um dos pontos mais importantes acerca da saúde da mulher em vários escritos ginecológicos, cuja tradição – e cujos preconceitos – chegam até a medicina contemporânea. Trata-se do princípio pelo qual várias doenças ou estados doentios da mulher dependem da falta de relações sexuais, as quais doenças e os quais estados podem ser curados praticando sexo com homens. Os exemplos desta concepção são inúmeros e envolvem vários tratados, como *De natura muliebri*, *De mulierum affectionibus I-II*, *De virginum morbis*. Incluir até mesmo uma parte destes exemplos implicaria uma longa digressão que não é necessária para nossos fins.

O primeiro destaque a se fazer é que as terapias que incluem a união sexual com o homem são quase sempre acompanhadas por prescrições dietéticas, e isso porque, em geral mas como também em *Genit.*, os distúrbios incluem não somente o trato final do aparato sexual da mulher, mas também a dinâmica dos fluidos corpóreos. Um excesso ou um defeito de úmido na mulher são causas de várias patologias. Por isso encontramos, por exemplo em *Nat.Mul.* e *Mul. I-II*, prescrições detalhadíssimas do que comer, do que beber e quando, isso não sendo uma particularidade da ginecologia hipocrática nem divergindo dos preceitos dietéticos gerais.

Em geral, uma das prescrições dietéticas que se encontram junto à de se unir com o marido, em muitos casos, é utilizar comida e bebidas emolientes (μαλακός), e isso na perspectiva de que é preciso umedecer o útero seco para reestabelecer, novamente, o correto equilíbrio dos humores. Indicativo, a esse respeito, é o que *Mul. II* testemunha: cfr. *Mul. II*, CXLI Littré, 32 Potter 2018, p. 350, 23-26. Uma redação paralela deste capítulo *Mul. II* é o capítulo XL de *Nat.Mul.* (Bourbon 2008, p. 57, 5-58, 4).

Todavia, há também casos contrários, em que o útero é demasiado úmido por conta do regime e das uniões sexuais com o marido, e, portanto, a recomendação é de não se unir; cfr. *Mul. I*, V Littré, V Potter 2018, p. 28, 14-24. Sobre este aspecto, cfr. também *Mul. I*, XVII Littré, XVII Potter 2018, p. 58, 10-17. Para as implicações da dieta na ginecologia, vide King 1995.

Uma das soluções para algumas condições patológicas da mulher, e que é provavelmente subentendida em *Genit.*, é o parto; cfr., por exemplo, *Nat.Mul.* II, Bourbon 2008, p. 4, 13.

<sup>75</sup> O autor remete a um outro tratado de sua autoria, que trata, de maneira específica, das doenças das mulheres. Esta referência é correntemente identificada nos primeiros capítulos de *Mul. I*, e o uso do futuro (εἰρήσεταί μοι) deixaria pensar que esse tratado seguiria a exposição embriológica (cfr. Giorgianni 2012, p. 218, nota *ad loc.* 11). Em relação a esta referência, Ilberg (1925, p. 19, nota 5) remete aos capítulos I-III de *Mul. I*. Sobre o autor C dos tratados ginecológicos, vide Grensemann (1975, p. 80-115). Lonie (1981) aprofunda, na *Introdução*, a discussão sobre a relação entre *Genit./Nat.Puer.* e outros tratados (cfr. p. 51-53).

## V

[1] Quando a mulher se une sexualmente, se ela não for ficar grávida, usualmente o sêmen secretado de ambos sai para fora, quando a mulher o desejar;<sup>76</sup> se, ao contrário, for ficar grávida, o sêmen não flui fora, mas permanece no útero. De fato, o útero, acolhendo [*scil.* o sêmen] e encerrando-se, o retém em si, porque a boca do útero é encerrada por conta da umidade, e se mesclam junto o que sai do homem e o que sai da mulher. Se a mulher tiver já experiências de partos e se der conta de quando o sêmen não sai [*scil.* do útero], mas permanece dentro, saberá em qual dia ficou grávida.

## VI

[1] Quanto ao assunto seguinte, dá-se desta maneira. O que é ejaculado pela mulher às vezes é mais forte, outras, mais fraco; e o mesmo ocorre também com o que é ejaculado pelo homem. Ademais, no homem são presentes tanto o esperma<sup>77</sup> feminino quanto o masculino, e isso ocorre igualmente na mulher. O macho é mais forte do que a fêmea, portanto é necessário que [*scil.* o macho] derive de um [*scil.* esperma] mais forte. [2] Dá-se o mesmo também com o seguinte assunto: se o esperma mais forte derivar de ambos, gera-se um macho; se débil, uma fêmea. Aquele [*scil.* esperma] dos dois que dominar<sup>78</sup> em quantidade é gerado; porquanto, se o esperma débil for em quantidade muito maior do que o [*scil.* esperma] mais forte, o forte é dominado e, misturado com o [*scil.* esperma] débil, é levado a conceber uma fêmea. Todavia,

---

<sup>76</sup> Esta afirmação gerou interpretações variadas; referimos a nota de rodapé de Giorgianni 2012 “La frase, variamente interpretata, può difficilmente alludere alla pratica del *coitus interruptus*, dal momento che l’iniziativa della misura anticoncezionale spetta alla donna, e non all’uomo: più confacente al nostro caso sembra la serie di pratiche anticoncezionali note al medico di II secolo Sorano, *Malattie delle donne* I, 61 (p. 60, righe 2-8 edd. Burguière/Gourevitch/Malinas [Burguière-Gourevitch-Malinas 1988-2000]) per cui la donna, durante l’ejaculazione del seme maschile, è chiamata a trattenere il respiro e a ritirarsi in modo che il seme non raggiunga la parte più profonda dell’utero, dopo l’ejaculazione, invece, deve subito tornare in posizione eretta, raggomitolarsi da seduta, provocare una crisi di starnuti, lavare abbondantemente la vagina o bere acqua fredda, cfr. King [1998], *Hippocrates’ Woman*, p. 156. Nel seguito del capitolo, il medico prevede la possibilità, per una donna esperta di gravidanze, di sapere quale sia stato il preciso momento del concepimento. Non deve perciò stupire che, specie quando la fisiologia uterina non faciliti l’insediamento del seme, venga attribuita alla donna anche la possibilità di impedire *a priori* volontariamente il concepimento” (p. 218-9, nota 12 *ad loc.*).

<sup>77</sup> Ocorre aqui, pela primeira vez, o termo “esperma” (σπέρμα).

<sup>78</sup> Giorgianni (2012, p. 219, nota *ad loc.* 13) esclarece que o período é mútilo e a frase “Aquele [*scil.* esperma] dos dois que dominar em quantidade é gerado” necessita de uma adição, que ele, na tradução italiana, entende assim: “Qualora, invece, da uno dei due provenga seme più forte, dall’altro seme debole, etc.”. Na verdade, o período é inteligível também sem uma premissa: trata-se, claramente, do caso em que homem e mulher emitem um o esperma mais forte e a outra esperma mais fraco (qual que seja dos dois que o emita). Este capítulo está explicando como se determina o sexo do embrião a partir de dois espermas diferentes. Aqui o verbo é κρατέω, que indica a dinâmica de forças pela qual se determina o sexo.

se o [*scil.* esperma] forte for em quantidade maior do que o débil, o [*scil.* esperma] débil é dominado e é levado a conceber um macho. [3] É como se alguém, misturando cera e gordura junto, tornando a gordura maior em quantidade, os derretesse no fogo: enquanto eles forem líquidos, não fica claro o que domina; mas, assim que se coagulam, é neste momento que fica claro que a gordura domina a cera em quantidade. O mesmo se dá em relação ao sêmen do macho e da fêmea.

## VII

[1] A partir das evidências dos fatos, é possível concluir que tanto na mulher quanto no homem há um sêmen<sup>79</sup> feminino e masculino. De fato, muitas mulheres já deram à luz filhas fêmeas unindo-se com certos homens, ao passo que, unindo-se com outros homens, deram à luz filhos machos. E aqueles mesmos homens com os quais as mulheres deram à luz filhas fêmeas, unindo-se com outras mulheres, geraram um filho macho, e os homens para os quais nasceu uma progênie de sexo masculino, unindo-se com outras mulheres, geraram uma progênie de sexo feminino. [2] Este raciocínio afirma que tanto o homem quanto a mulher têm um sêmen<sup>80</sup> tanto feminino quanto masculino. Porquanto, nos que tiveram uma progênie de sexo feminino, era dominado o [*scil.* sêmen] mais forte, dado que o [*scil.* sêmen] débil se encontrava em quantidade maior, e nasceram fêmeas. Por outro lado, nos que tiveram uma progênie de sexo masculino, prevalecia o [*scil.* sêmen] forte, e nasceram filhos machos. [3] Não sempre do mesmo homem sai o sêmen que é forte<sup>81</sup>, nem sempre o que é débil, mas ora um ora o outro,<sup>82</sup>

---

<sup>79</sup> Neste caso o termo é γόνος. Como destaca Giorgianni (2012, p. 219, nota *ad loc.* 14), “Il termine greco usato in questo capitolo per dire ‘seme’ non è più γονή, bensì γόνος, che indica propriamente il ‘principio generativo’, la ‘discendenza’, più che la semenza in sé. In altri termini, qui si ribadisce lo stesso concetto da un altro punto di vista linguistico e semantico: sia nell’uomo che nella donna è insito un principio generativo del maschile e del femminile”.

<sup>80</sup> Novamente γόνος.

<sup>81</sup> Giorgianni 2006 lê esta frase como χωρείει δὲ οὐκ αἰεὶ οὕτως ἀπὸ τοῦ κ.τ.λ., enquanto Potter 2012 (que seguimos) χωρείει δὲ οὐκ αἰεὶ ἀπὸ τοῦ κ.τ.λ.

<sup>82</sup> A diferença na determinação de sexo depende do momento da concepção. Em *Aer.*, em relação ao fato de que os citas são parecidos entre si, o autor dá uma explicação “embriológica” e destaca o papel da coagulação do “princípio generativo” [γόνος]: Τά τε εἶδεα ἔοικεν ἀλλήλοισι, τά τε ἄρσενά τοῖσιν ἄρσεναι καὶ τὰ θήλεα τοῖσι θήλεσιν. Τῶν γὰρ ὠρέων παραπλησίων ἐουσέων φθοραὶ οὐκ ἐγγίγνονται οὐδὲ κακώσεις ἐν τῇ τοῦ γόνου ζυμπίξει, ἣν μὴ τινοσ ἀνάγκης βιαίου τύχη ἢ νόσου. (*Aer.* XIX, Jouanna 2003b, p. 235, 2-7: “Quanto ao aspecto, eles [*scil.* os citas] se parece um com o outro, os machos com os machos e as fêmeas com as fêmeas. Porquanto, sendo as estações parecidas, não se produzem corrupções nem alterações na coagulação do sêmen, a não ser que ocorra algum trauma violento ou uma doença”). Já destacamos o fato de que este tratado, quanto às questões da formação do sêmen, compartilha a mesma perspectiva de *Genit.* Estes dois autores, todavia, estão afirmando algo diferente. O de *Aer.* está identificando a causa da semelhança entre os citas na “coagulação” (ξύμμηξις) do sêmen, ou seja, no momento posterior à formação e à secreção do sêmen, enquanto o autor de *Genit.* está se referindo à própria formação do sêmen, que pode ser o forte ou o débil. Todavia, não é impossível

isso vale também para a mulher; portanto, não há de se maravilhar de que as mesmas mulheres e os mesmos homens gerem uma progênie tanto masculina quanto feminina. E o mesmo se dá com os animais domésticos no que diz respeito ao sêmen feminino e masculino.

## VIII

[1] No útero, chega o sêmen tanto da mulher quanto do homem provindo de seus corpos inteiros, débil das partes débeis e forte das partes fortes; e é assim que é transmitido, necessariamente, à prole. A parte do corpo de onde vier mais do homem do que da mulher para o sêmen, nessa parte o filho se parece mais com o pai; ao passo que, a parte de onde vier mais da mulher, nessa parte do corpo o filho se parece mais com a mãe.<sup>83</sup> Não é possível que [*scil.* o filho] se pareça com a mãe em todas as partes e em nenhuma com o pai, nem é possível o contrário, assim como não é possível que não se pareça em nada com nenhum dos dois [*scil.* genitores]; mas há uma necessidade pela qual [*scil.* o filho] se pareça em algo com ambos [*scil.* os genitores], uma vez que o esperma vai dos corpos de ambos ao filho. [2] Aquele dos dois [*scil.* genitores] que contribui mais para a semelhança e a partir do maior número de partes do corpo, com este [*scil.* genitor] [*scil.* o filho] se parece mais. Pode acontecer, algumas vezes, que a filha que nasce se pareça com o pai em um número maior de partes do corpo do que com a mãe e, outras, que o filho que nasce se pareça mais com a mãe do que com o pai. Essas e tantas são as provas para o meu discurso precedente, de que, tanto na mulher quanto no homem, há tanto uma capacidade generativa masculina quanto uma capacidade generativa feminina.<sup>84</sup>

---

que o autor de *Genit.* possa estar pensando na determinação do tipo de sêmen como efeito de causas externas e acidentais, que mudam de momento em momento.

<sup>83</sup> O autor quer afirmar um princípio ‘mecanicista-corpúscular’ do sêmen: o sêmen – que será depois o embrião – é o resultado da e é a mistura do sêmen da mulher e do homem. O sêmen de cada um provém de todas as partes do corpo, e portanto cada parte dos corpos dos pais contribui à formação do corpo do filho. Ora, como acontece em relação à determinação do sexo – o sêmen que for mais abundante determina o sexo –, assim também acontece em relação à determinação das semelhanças entre os pais e o filho: se o pai contribui com uma parte de sêmen mais abundante que provém de uma parte específica do corpo dele, a parte correspondente do filho se parece mais com aquela parte do pai que contribuiu em medida maior na formação do sêmen (por exemplo, o nariz, os olhos, a boca etc.), e igualmente quanto à contribuição que a mãe dá. É importante destacar que aqui o autor está pensando em um tipo de sêmen (o futuro embrião) constituído pelos humores que derivam de todas as partes do corpo. Portanto o sêmen é, na realidade, vários sêmenes, um para cada parte do corpo (sêmen da boca, do nariz, da perna etc.); o embrião, portanto, é um composto de todos os sêmenes que se desenvolverão dentro do útero durante a gestação, cada um dos quais possui um próprio ‘programa genético’ que consiste em reproduzir a parte do corpo da qual provém.

<sup>84</sup> *κουρογονίη καὶ θηλυγονίη*: interessante é o uso destes termos. Quanto ao primeiro – *κουρογονίη* – ele é um *hapax* absoluto na literatura grega: de fato, quando os autores querem indicar a “capacidade generativa masculina” (capacidade de gerar um homem) utilizam o termo *ἀρρενογονία* (cfr., por exemplo, Aristóteles: *GA* IV 765a30, 767a9, a14, a27; *HA* VII 585b11) em conjunto com o termo *θηλυγονία*.

## IX

[1] Acontece também o seguinte: às vezes, os filhos, apesar de serem gerados de um pai e de uma mãe robustos e fortes, nascem franzinos e débeis. Se tal caso se der depois de já terem nascido muitos filhos [*scil.* fortes], é claro que o embrião adoeceu no útero e que é por causa da mãe, que deixou cair o nutrimento para o crescimento fora do útero, excessivamente aberto, e por isso o filho nasceu débil. Cada um dos seres vivos, de resto, adoece conforme a própria força. Mas, se todos os filhos que nasceram forem débeis, o útero é a causa, porque é mais estreito do que o oportuno.<sup>85</sup> De fato, se o embrião não tiver um espaço amplo onde possa crescer, é necessário que o embrião se torne franzino, porque não tem um espaço amplo para o crescimento; se, ao contrário, tiver um espaço amplo e não adoecer, é provável que de genitores robustos nasça um filho robusto.

[2] É como se alguém pusesse um pepino já sem flor, mas que é ainda pequeno e unido à planta no campo de pepinos, em um pequeno vaso para pegar a água;<sup>86</sup> [*scil.* o pepino] será igual em dimensão e forma ao espaço vazio do vaso. Se, porém, alguém o puser em um vaso grande, que é capaz de conter o pepino, mas não muito maior do que o tamanho natural do pepino, o pepino será igual em dimensão e forma ao espaço vazio do vaso: pois no crescimento contende com o espaço vazio do vaso.<sup>87</sup> [3] Poder-se-ia também dizer que todas as plantas são da forma como são forçadas a ser. Isso vale também para a criança: se ela tiver um espaço amplo durante o crescimento, se tornará de tamanho maior; se, ao contrário, tiver um espaço estreito [*scil.* durante o crescimento], de tamanho menor.

## X

[1] Quanto a uma criança que sofreu malformação no útero, afirmo que ele sofreu malformação ou porque sofreu uma contusão por ter a mãe recebido um golpe na região do embrião, ou porque ela caiu, ou por qualquer outro acidente violento ocorrido à mãe. Se tiver sofrido uma contusão, na parte [*scil.* onde sofreu a contusão] a criança é malformada; se, entretanto, o embrião tiver sofrido uma contusão maior, pela laceração da membrana que o envolve, o embrião é destruído. Há também uma outra maneira pela qual as crianças são malformadas, e

---

<sup>85</sup> A causa da deficiência ou da malformação de um filho é atribuída à mulher e não ao homem. Aqui o autor apresenta duas explicações diferentes para dois casos: o primeiro consiste no nascimento de um filho débil após a mãe ter gerado filhos fortes (nesse caso foi o alimento que faltou e fez com que o embrião adoecesse); o segundo caso consiste no nascimento de filhos todos débeis (nesse caso a causa não é contingente mas estrutural, porque o útero é mais estreito do que o oportuno).

<sup>86</sup> “pequeno vaso para pegar a água” traduz o termo ἀρυστήρ, que é também uma unidade de medida para líquidos.

<sup>87</sup> Esta analogia põe as bases da analogia entre embrião e planta em *Nat.Puer*.

é a seguinte. Quando no útero houver um espaço estreito na região que corresponde à parte [scil. do embrião] que já sofrera uma malformação, será necessário que, por conta do movimento do corpo em um espaço estreito, [scil. o embrião] sofra uma malformação naquela região; [2] assim como as árvores que estão na terra e que não têm um espaço amplo, mas são obstaculizadas por uma pedra ou por qualquer outro impedimento, desenvolvendo-se, tornam-se tortas ou em uma parte espessas e em outras finas, do mesmo modo também a criança [scil. sofre malformação], se no útero alguma parte do corpo se encontrar em um espaço mais estreito do que as outras.

## XI

[1] E ocorre na maioria dos casos que, embora os pais sejam malformados, os filhos nasçam sãos. Pois a parte malformada tem todos os componentes iguais em número à parte sã.<sup>88</sup> Todavia, quando alguma doença entra em contato com ela, as quatro formas do humor, do qual se gera o esperma, as quais estão naturalmente nela, não dão o sêmen inteiro, mas o esperma na parte malformada é mais débil. Não me parece surpreendente o fato de que também [scil. o filho] seja malformado da mesma forma como o genitor. Isso era quanto devia dizer acerca deste assunto; agora quero voltar novamente ao assunto que estava tratando.

Silvio Marino

*Universidade de Brasília*

*Università di Napoli Federico II*

## *Bibliografia*

Alfageme, I. Rodríguez. 2007. “Inicios y finales de los tratados del *Corpus Hippocraticum*”. *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios griegos e indoeuropeos* 17, 183-202.

Aristóteles. 2021. *Obras Completas de Aristóteles, Geração dos animais*, volume IV, Tomo V. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa – Imprensa Nacional.

Bernier, R. 1990. “Embryogenèse et avortement chez les auteurs hippocratiques”. In P. Potter, G. Maloney and J. Desautels (eds). *La maladie et les maladies dans la Collection hippocratique. Actes du*

---

<sup>88</sup> Aqui as interpretações divergem levemente para ἔχει γὰρ τὸν ἀριθμὸν πάντα τὸ πεπηρωμένον τῷ ὑγιεῖ (Potter 2012: “for what is maimed still has everything equal in number with the whole”); o texto de Giorgianni 2006 è ἔχει γὰρ τὸν ἀριθμὸν πάντα τὸ πεπηρωμένον τοῦ ὑγιέος (“La parte malformata, del resto, contiene, dal punto di vista numerico, tutte le componenti (del seme) della parte sana”). Joly 1970 traduz com: “en effet, la partie mutilée a tous les composants d’une partie saine”. Seguimos Giorgianni 2006 e 2012 e Potter 2012 na interpretação.

VI<sup>e</sup> Colloque international hippocratique (Québec du 28 septembre au 3 octobre 1987). Québec: Éditions du Sphinx, 363-380.

Bourbon, F. 2008. Hippocrate. *Œuvres complètes, tome XII 1<sup>e</sup> partie. Nature de la femme*, texte établi et traduit par F. Bourbon. Paris: Les Belles Lettres.

Bourbon, F. 2017. Hippocrate. *Œuvres complètes, tome XII 4<sup>e</sup> partie. Femmes stériles, Maladies des jeunes filles, Superfétation, Excision du fœtus*. Texte établi, traduit et annoté par Florence Bourbon. Paris: Les Belles Lettres.

Burguière, P.; Gourevitch, D. & Malinas, Y. (Texte établi, traduit et commenté par). 1988-2000. Soranos. *Maladies des femmes*, 4 voll. Paris: Belles Lettres.

Casertano, G. 2021. "Ippone l'ateo e la storia dell'umido". *Archai* 31 (2021), 1-20.

Cerri, G. 1999. *Parmenide di Elea. Poema sulla natura*. Introduzione, testo, traduzione e note di Giovanni Cerri. Milano: BUR.

Chantraine, P. 1977. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck.

Craik, E. M. 1998. *Hippocrates: Places in Man*. Oxford: Clarendon Press.

Craik, E. M. 2015. *The 'Hippocratic' Corpus: Content and Context*. London-New York: Routledge.

Craik, E. M. 2018. "The 'Hippocratic Question' and the Nature of the *Hippocratic Corpus*". In Pormann 2018, 25-37.

Cross, James R. 2018. *Hippocratic Oratory. The Poetics of Early Greek Medical Prose*. Milton Park-New York: Routledge.

De Lacy, P. 1992. *Galen on Semen*. Berlin: Corpus Medicorum Graecorum V 3, 1.

De Ley, H. 1980. "Pangenesis versus Panspermia. Democritean Notes on Aristotle's *Generation of Animals*". *Hermes* 108, 129-153.

Ermerins, F. Z. 1862. *Hippocratis et aliorum medicorum veterum reliquiae*, t. II, Apud Kemink et filium, Traiecti ad Rhenum.

Fredrich, C.J. 1899. *Hippokratische Untersuchungen*. Berlin: Weidmannsche Buchhandlung.

Giorgianni, F. 2006. *Hippokrates, Über die Natur des Kindes: (De genitura und De natura pueri) / herausgegeben, ins Deutsche und Italienische übersetzt und textkritisch kommentiert von Franco Giorgianni*. Wiesbaden: Dr Ludwig Reichert Verlag.

Giorgianni, F. 2012. Ippocrate, *La natura del bambino*. Palermo: Sellerio.

Giorgianni, F. 2015. "Polisemia di 'nòmos' e l'esordio di Hipp. 'de genitura'". *Galenos: Rivista di Filologia dei Testi Medici Antichi* 9, 187-199.

Grensemann, H. 1975. *Knidische Medizin Teil I: Die Testimonien zur ältesten knidischen Lehre und Analysen knidischer Schriften im Corpus Hippocraticum*. Berlin-New York: Ars Medica II 4,1.

Grensemann, H. 1982. *Hippokratische Gynäkologie. Die gynäkologischen Texte des Autors C nach den pseudohippokratischen Schriften De muliebribus I, II und De Sterilibus*. Wiesbaden: Franz Steiner.

Grensemann, H. 1987. *Knidische Medizin, Teil II. Versuch einer weiteren Analyse der Schicht A in den pseudohippokratischen Schriften De natura muliebri und De muliebribus I und II*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag.

Ilberg, J. 1925. *Die Ärzteschule von Knidos* (= Ber. Verh. Sächs. Akad. Wiss. Leipzig, Phil.-hist. Klasse 76, 1924, vol. 3), Leipzig: S. Hirzel.

Joly, R. 1970. Hippocrate. *Œuvres complètes, tome XI : De la génération, De la nature de l'enfant, Des maladies IV, Du foetus de huit mois, texte établi et traduit par R. Joly*. Paris: Les Belles Lettres.

Jouanna, J. 1984. "Rhétorique et médecine dans la *Collection Hippocratique*". *Revue des Etudes Grecques* 97, 26-44.

- Jouanna, J. 2002. Hippocrate. *La nature de l'homme*, édité, traduit, et commenté par Jacques Jouanna, 2<sup>e</sup> édition, *Corpus Medicorum Graecorum*. Berlin: Akademie Verlag.
- Jouanna, J. 2003a. Hippocrate. *Œuvres complètes, tome II 3<sup>e</sup> partie. La maladie sacrée*, texte établi et traduit par J. Jouanna. Paris: Les Belles Lettres.
- Jouanna, J. 2003b. Hippocrate. *Œuvres complètes, tome II 2<sup>e</sup> partie. Airs – eaux – lieux*, texte établi et traduit par J. Jouanna. Paris: Les Belles Lettres.
- Kahlenberg, W. 1955. “Die Zeitliche Reihenfolge der Schriften, περὶ γονῆς, περὶ φύσιος παιδίου und περὶ νοῦσων 4, und ihre Zusammengehörigkeit”. *Hermes* 83 (2) 252-256.
- King, H. 1995. “Food and blood in Hippocratic gynaecology”. In J. Wilkins, D. Harvey and M. Dobson (eds), *Food in Antiquity*. Exeter: University of Exeter Press, 351-358.
- King, H. 1998. *Hippocrates' woman: reading the female body in ancient Greece*. London and New York: Routledge.
- Kühn, K. G. (ed.). 1822. *Claudii Galeni Opera Omnia, editionem curavit D. Carolus Gottlob Kühn*, Tomus V. Leipzig: Car. Cnoblochii.
- Langholf, V. 2004. “Structure and Genesis of Some Hippocratic Treatises”. In H. F. J. Horstmanshoff, Marten Stol, in collaboration with C. R. van (Cornelis) Tilburg, *Magic and rationality in ancient Near Eastern and Graeco-Roman medicine*, Leiden: Brill, 219-275.
- Lanza, D.-Vegetti, M. 2018. Aristotele, *La vita. Ricerche sugli animali – Le parti degli animali – La locomozione degli animali – La riproduzione degli animali – Parva naturalia – Il moto degli animali*, a cura di Diego Lanza e Mario Vegetti, aggiornamenti e integrazioni di Giuseppe Girgenti. Milano: Bompiani.
- Lara Nova, D. 1992. “Función literaria del prólogo en los tratados hipocráticos más antiguos”. In López Férez, J. A. (ed.), *Tratados hipocráticos: estudios acerca de su contenido, forma e influencia*. Actas del VII<sup>o</sup> colloque international hippocratique, Madrid, 24–29 de septiembre de 1990. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 343-350.
- Lesky, E. 1951. *Die Zeugungs- und Vererbungslehren der Antike und ihr Nachwirken*. Mainz: Akademie der Wissenschaften und der Literatur.
- Littré, E. 1839-61. *Œuvres complètes d'Hippocrate*, 9 voll. Paris: Baillière.
- Littré, E. 1851. *Œuvres complètes d'Hippocrate. Tome VII<sup>e</sup>*. Paris: Baillière.
- Littré, E. 1853. *Œuvres complètes d'Hippocrate*, vol. 8. Paris: Baillière.
- Lloyd, G. E. R. 1966. *Polarity and Analogy. Two Types of Argumentation in Early Greek Thought*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lloyd, G. E. R. 1991a. *Methods and Problems in Greek Science*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lloyd, G. E. R. 1991b. “Right and Left in Greek Philosophy”. In Lloyd 1991a, 27-53.
- Lloyd, G. E. R. 1991c. “The Hippocratic Question”. In Lloyd 1991, 199-223.
- Longhi, V. 2020. *Krisis, ou la décision génératrice. Épopée, médecine hippocratique, Platon*. Villeneuve-d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion.
- Lonie, I.M. 1977. “De natura pueri, chapter 13”. In R. Joly (ed.). *Corpus Hippocraticum. Actes du Colloque hippocratique de Mons (22-26 septembre 1975)*. Mons: Ed. Universitaires, 123-135.
- Lonie, I.M. 1981. *The Hippocratic Treatises, "On Generation," "On the Nature of the Child," "Diseases IV": A Commentary*. Berlin-New York: Walter de Gruyter.
- Maloney, G. 1988. “A propos de l'exorde du traité hippocratique ‘De la génération’”. *Hermes*, 116. Bd., H. 4 (4th Qtr.), 490-493.

- Marino, S. 2021. “Alguns aspectos do tempo nos tratados da Coleção hipocrática”. *ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA* 15 (29), 50-70.
- Marino, S. 2022. “Il κairός medico e il κairός del dialogo. L’analogia medica e la scienza del διαλέγεσθαι tra il Fedro e il Protagora di Platone”. *AION-Sez. di Filologia e Letteratura Classica* 44, 59-81.
- Nachmanson, E. 1918. *Erotiani vocum hippocraticarum collectio*. Upsaliae: Typis descr. Appelbergs Boktryckeri-Aktiebolag.
- Perilli, L. 2007. “Democritus, Zoology and the Physicians”. In A. Brancacci-P.-M. Morel (eds.), *Democritus: Science, the Arts, and the Care of the Soul. Proceedings of the International Colloquium on Democritus (Paris, 18-20 September 2003)*. Leiden-Boston: Brill, 143-179.
- Pigeaud, J. 2006. *La crise*. Nantes: Éditions Cécile Defaut.
- Pormann, P.E. 2018. *The Cambridge Companion to Hippocrates*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Potter, P. 1995. *Hippocrates, vol. VIII (Places in Man, Glands, Fleshes, Prorrhetic I, Prorrhetic II, Physician, Use of Liquids, Ulcers, Haemorrhoids, Fistulas)*. Cambridge MA: Loeb Classical Library.
- Potter, P. 2012. *Hippocrates, vol. X*. Cambridge MA-London: Loeb Classical Library.
- Potter, P. 2018. *Hippocrates, vol. XI*. Cambridge MA-London: Loeb Classical Library.
- Regenbogen, O. 1930. “Eine Forschungsmethode antiker Naturwissenschaft”. *Quellen und Studien zur Geschichte der Mathematik* I 2, 131-182.
- Solmsen, F. 1961. “Greek Philosophy and the Discovery of the Nerves”. *Museum Helveticum* 18, 150-167; 169-197.
- Trédé-Boulmer, M. 2020. *Kairos, L'à-propos et l'occasion. Le mot et la notion, d'Homère à la fin du IVe siècle avant J.-C.* Paris: Les Belles Lettres.
- Wellmann, M. 1929. “Spuren Demokrits von Abdera im *Corpus Hippocraticum*”. *Archeion* 11, 297-330.
- Wilberding, J. 2015. “Plato’s embryology”. *Early Science and Medicine* 20 (2), 150-168.